



# Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

Rodrigo Cantarelli



Historicismos na arquitetura  
dos subúrbios recifenses,  
um recorte da Coleção Ecletismo

MINISTRO DA EDUCAÇÃO  
Milton Ribeiro

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO  
Antônio Ricardo Accioly Campos

DIRETOR DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE (DIMECA)  
Mario Helio Gomes de Lima

COORDENADORA-GERAL DO CENTRO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA  
RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE (CEHIBRA)  
Albertina Otávia Lacerda Malta

COORDENADORA DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS E PROCESSOS  
Elizabeth Mattos

# **Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo**

*Rodrigo Cantarelli*

Reservados todos os direitos desta edição.  
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização  
da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco.

Foi feito o depósito legal.

Impresso no Brasil.

Projeto gráfico e tratamento de imagens  
*Sidney Rocha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

---

Cantarelli, Rodrigo

Historicismo na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte  
da coleção ecletismo / Rodrigo Cantarelli. Recife: Fundação Joaquim  
Nabuco, Editora Massangana, 2020.

158p. :il

Inclui bibliografia  
ISBN: 978-65-5737-023-0

1. Arquitetura. 2. Patrimônio. 3. Preservação. 4. Recife, PE. I. Título

---

CDU: 72:351.711(813.41)

## SUMÁRIO

Os catálogos podem servir  
como “memória viva de um passado morto”  
*por Mario Helio Gomes de Lima, 9*

Historicismos na arquitetura  
dos subúrbios recifenses,  
um recorte da Coleção Ecletismo  
*por Rodrigo Cantarelli, 13*

O Núcleo Antigo da Boa Vista, **31**

A Várzea do Beberibe, **61**

A Várzea do Capibaribe, **75**

A Várzea do Tejipió, **141**

*Os fotógrafos da Coleção, 158*



# Os catálogos podem servir como “memória viva de um passado morto”

Mario Helio Gomes de Lima

Diretor de Memória, Educação, Cultura e Arte  
da Fundação Joaquim Nabuco

A história de um lugar é a soma do que se construiu, foi conservado e demolido, do que a memória reteve e do que a indiferença levou ao esquecimento. A fotografia tem sido, desde a sua origem, um modo de fixar algo dessa problemática, dando a ver o que as intermitências do tempo e as inclemências dos humanos fizeram com o espaço, sobretudo nos casos em que as construções e os objetos assumiram aquela condição de monumento e documento.

Neste catálogo, os pesquisadores do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade oferecem aos leitores do século XXI um pouco das visões e feições de um estilo arquitetônico tão característico do gosto recifense no século XX.

Os bons catálogos são mais do que inventários. Reencenam e ensinam. Estimulam a reflexão e o interesse pela Memória e pela Estética, em geral tão relegadas no Brasil. Estabelecem narrativas e concatenações. É o caso desta publicação. Imprescindível aos envolvidos no difícil trabalho do Patrimônio.

Se um texto literário descreve, um texto fotográfico escreve um tipo de história que dá gosto *ver*. Os pesquisadores reuniram e organizaram neste catálogo as informações das edificações recifenses por eles estudadas. Usos, conservação, (des)caracterizações e outros critérios.

Os seres humanos não são meros produtos do meio nem de sua condição biológica. Afetam-se pelas circunstâncias, como ensinou Ortega y Gasset. Algo similar ocorre com as edificações. Elas não sofrem apenas

os caprichos da Fortuna e da Natureza, são afetadas também pelo que fizeram ou deixaram de fazer os seus construtores, preservadores e demolidores. Aliás, palavras como “demolição” e “demolir” estão entre as mais usadas neste catálogo. Nunca o Recife soube “crescer sem matar-se”.

Em parte – por sorte ainda só em parte –, os catálogos podem servir como “memória viva de um passado morto”. O paradoxo da presença da ausência, que suplanta a reminiscência quando se plasma em inconfundidas fotografias, as tais fotografias que adensam os textos explicativos sobre a definição do ecletismo e sobre outros termos de arquitetura. O resultado é o casamento da iconografia com o pensamento.

Dá o que pensar – e oxalá também desse o que agir – o saber, com os pesquisadores, que

*“a demolição dessas edificações (...) era um elemento presente no dia a dia dos pesquisadores, e o registro delas tinha como uma de suas motivações ‘sensibilizar e alertar profissionais e população para perdas irreversíveis e muitas vezes absurdas’ desses exemplares arquitetônicos. Era uma destruição que precisava, de certa forma, ser evitada. A prestação de contas da pesquisa ‘O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)’ nos mostra que Edja Trigueiro foi encarregada de elaborar uma proposta de proteção para a área de estudo em Casa Forte, um dos bairros mais contemplados no número de edificações registradas, no entanto este documento, se chegou a ser elaborado, não foi localizado na documentação relativa ao projeto. De qualquer forma, no ano seguinte ao término da pesquisa, mudanças foram implementadas, pela Prefeitura do Recife, na legislação daquela região visando à preservação de alguns exemplares arquitetônicos identificados e documentados”.*

Tem-se aqui o resumo de um século (1840-1940) da arquitetura do Recife, que mostra como a cidade se construiu e se destruiu, como mudou mais do que um coração infiel, para citar o famoso verso do poeta mais emblemático das tensões, pasmos e angústias da modernidade: Charles Baudelaire.

As cidades têm muitas vias. Uma delas é a do que está “em vias de desaparecer” ou “até mesmo desaparecendo ao longo das visitas de campo”. Desta e de outras informações, depreende-se um certo Recife e sua arquitetura como a *crônica de uma morte anunciada*.

Servindo de subsídios a gestores, um catálogo pode estimular o pensamento e a ação. Não se limitar à compreensão do que ocorreu no passado, mas também pensar o que pode ser o futuro.

A fotografia é a arte do alumbramento e do registro, como se pode constatar neste retrato em preto e branco do Recife.

Da sua origem até este catálogo, a pesquisa foi mais do que a anotação pachorrenta dos dados arquitetônicos.

Como será a história do futuro? Do Recife arquitetônico 1940-2040? Que seja melhor do que o de 1840-1940 não tem ilusão nenhum morador, visitante ou expectador inteligente, por mais otimista que seja. Mas se um recifense atípico lograr aprender boas lições das demolições do passado e do presente, cuidará talvez que o futuro não seja, no caso dos bons exemplares de sua arquitetura, aquela *morte absoluta* de que trata Manuel Bandeira. O mesmo Manuel Bandeira da “Evocação do Recife” e da casa do seu avô (preservada, depois de sofrer várias ameaças de morte), que “parecia impregnada de eternidade”. Se o tempo é a imagem móvel da imóvel eternidade, como queriam os santos de outrora (todos os santos são de outrora), no tempo e no espaço o futuro bem (h)aja. Do contrário, será aprender a lição às avessas, e trocar a vida pela morte, e saber, conformado, morrer, sem sequer as bênçãos da Nossa Senhora da Boa Morte. Com abandonar suas construções à própria sorte, uma cidade pode conseguir no plano coletivo o que o poeta observou para o individual:

“Morrer.  
Morrer de corpo e de alma.  
Completamente.

*Morrer sem deixar o triste despojo da carne,  
A exangue máscara de cera,  
Cercada de flores,  
Que apodrecerão - felizes! - num dia,*

*Banhada de lágrimas*

*Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.*

*Morrer sem deixar porventura uma alma errante...*

*A caminho do céu?*

*Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?*

*Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,*

*A lembrança de uma sombra*

*Em nenhum coração, em nenhum pensamento,*

*Em nenhuma epiderme.*

*Morrer tão completamente*

*Que um dia ao lerem o teu nome num papel*

*Perguntem: 'Quem foi?...'*

*Morrer mais completamente ainda,*

*Sem deixar sequer esse nome."*

# Historicisms na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo

Rodrigo Cantarelli

No que tange às iniciativas de preservação de um patrimônio edificado, Pernambuco sempre exerceu um certo protagonismo no cenário nacional. Seja pela criação, ainda nos anos 1920, de uma Inspetoria de Monumentos, que buscou salvar da destruição monumentos históricos no estado, seja quando o Recife se tornou uma das primeiras cidades do país a implantar um projeto para recuperação dos seus sítios históricos, instituindo normas gerais de proteção a “sítios, conjuntos antigos, ruínas e edifícios isolados, cujas expressões arquitetônicas ou históricas tenham real significado para o patrimônio cultural da Cidade do Recife”.<sup>1</sup> A criação dessas primeiras Zonas de Preservação da cidade, no entanto, não foi suficiente para contemplar, na legislação municipal, a riqueza e a diversidade do patrimônio arquitetônico recifense. Ficaram de fora dessas áreas protegidas edificações cuja preservação, num primeiro momento, não despertou qualquer interesse. Tampouco foram vistas como documentos materiais do processo de ocupação e desenvolvimento da cidade do Recife.

Pouquíssimo contemplada nessa seleção, a Arquitetura Eclética, fortemente caracterizada pela mistura dos mais diversos estilos arquitetônicos, se fez presente em Pernambuco a partir da segunda metade do século XIX, popularizando-se nas primeiras décadas do século XX, em especial, a partir da grande reforma urbana do Porto e do Bairro Recife,

Rodrigo Cantarelli é arquiteto. Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco; mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pertence ao Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco. Autor de *Contra a conspiração da ignorância com a maldade: a inspetoria de monumentos de Pernambuco*.

<sup>1</sup> Ementa da lei municipal nº 13.957, de 26 de setembro de 1979.

iniciada em 1909. As principais razões do surgimento do Ecletismo, ainda no século XVIII, na Inglaterra, com a construção da *Strawberry Hill*, estão ligadas à busca de *status* da nova classe social surgida com a Revolução Industrial, bem como à nostalgia posta em voga pelo Romantismo. Na Europa, o movimento ganhou intensidade ao longo do século XIX, segundo Annateresa Fabris, período no qual a ideia dominante era a de que a arquitetura fosse representativa e que evidenciasse

*“através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam.”*<sup>2</sup>

O Ecletismo, de forma geral, foi caracterizado pela utilização livre e superposta de estilos do passado e, naquele momento, representava, na arquitetura, um novo estilo de vida associado à burguesia emergente. Usando das mais diversas fontes do passado, os arquitetos tinham livre arbítrio na mistura dessas referências para compor os edifícios, criando uma nova linguagem arquitetônica, onde estavam reunidas, sob uma só iconologia, todas as iconografias do passado.<sup>3</sup>

Ao mesmo tempo em que o Ecletismo se popularizava, outro movimento tomou força: a Arquitetura Historicista, ou Revivalista, que buscava recriar os mais diversos estilos arquitetônicos do passado, muito em função do avanço das técnicas arqueológicas, ocorrido ao longo do século XIX, que permitiu a realização de cópias idênticas dos edifícios antigos, fazendo com que todos os períodos da história da arquitetura pudessem ser revividos, tal qual eram no passado. O Revivalismo na arquitetura é um movimento, ou tendência, que busca resgatar em novas construções os elementos característicos abstraídos de obras antigas, sendo o gosto pessoal um grande determinante na escolha dessas referências de passado utilizadas. Segundo Giulio Carlo Argan e Luciano

---

<sup>2</sup> FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, Nº. 1, 1993, p. 134.

<sup>3</sup> CARVALHO, Maurício Rocha de. *Ecletismo arquitetônico na cultura pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 1992, p. 17

Patetta,<sup>4</sup> o surgimento dos *Revivals* está diretamente relacionado ao crescimento do interesse pela história da arquitetura, à mudança na relação que se tinha entre o passado e o presente e a uma intenção de se criar um estilo nacional, independente de uma tradição clássica. Para Argan, os revivalismos são, ao mesmo tempo, tanto uma experiência no campo das artes quanto uma redescoberta romântica, evasão e tentativa de se apropriar da história, que se ilude sobre a passagem do tempo e se coloca à margem de transformações.

O gosto pessoal passou a ser o guia construtivo, já que todos os estilos históricos estavam liberados, inclusive os mais exóticos. Sem limite para a utilização desses referenciais históricos, surgiram criações Neogóticas, Neobarrocas, Neomouriscas, Neobizantinas, Neochinesas ou Neopersas, entre muitas outras. Diferenciando-se do Ecletismo, o Revivalismo buscava uma reprodução mais fiel dos modelos antigos, enquanto nos edifícios ecléticos a composição era completamente nova e fantasiosa. Os limites que diferenciam os dois movimentos são muito tênues e, por esse motivo, alguns autores consideram que os Revivalismos fazem parte do Ecletismo.

No continente americano, os Revivalismos chegaram ainda no século XIX, na mesma leva que popularizou o Ecletismo e o gosto *Beaux-Arts*, importando modelos e estilos europeus sem se preocupar, num primeiro momento, com as características da arquitetura local e, em muitas situações, substituindo os padrões construtivos tracionais dessas localidades. Uma substituição que teve início, no Recife, ainda no século XIX e foi coroada com a Reforma do Porto e do Bairro do Recife, no início do século passado. Os antigos arruamentos tortuosos e estreitos do bairro onde se originou a cidade cederam lugar às largas avenidas radiais, que, tendo como ponto de partida o Marco Zero, obedeciam aos moldes estéticos dos *boulevards* parisienses traçados pelo Barão Haussmann. A abertura da Avenida Central, da Avenida do Porto e o alargamento da Avenida Marquês de Olinda buscaram dar à capital pernambucana uma atmosfera típica da *Belle-époque*. A arquitetura do período colonial, de

---

<sup>4</sup> PATETTA, Luciano. "Los revivals en arquitectura". ARGAN, Giulio Carlo et alt. *El Passado en el Presente: el Revival en las Artes Plásticas, la Arquitectura, el Cine y el Teatro*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 129-163.

sobrados magros e esguios construídos em lotes profundos, foi substituída pela dos grandes edifícios ecléticos, como as sedes do *London & River Plate Bank*, da Companhia Aliança da Bahia ou da Associação Commercial, marcadas por influências historicistas europeias.



Código de acesso: JB\_001108  
Cartão Postal mostrando a Avenida Marquês de Olinda após a Reforma do Bairro do Recife Ramiro M. Costa & Filhos, sem data  
Coleção Josebias Bandeira

Essa arquitetura de caráter historicista, no entanto, não se fez presente somente nas áreas centrais da cidade, mas também se popularizou pelos chamados Arrabaldes do Recife, as áreas de subúrbio, que cresceram e se expandiram ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A produção arquitetônica desse período foi, durante muito tempo, menos-prezada pela crítica arquitetônica brasileira, colocando as produções ecléticas e revivalistas numa posição de ostracismo, hoje já superado. No entanto, essa superação não se deu sem antes ocorrer a perda de um sem número de exemplares significativos de um período relevante da produção arquitetônica no país, que, nos seus primeiros momentos, não contemplou, nas políticas de preservação de um patrimônio construído, as edificações ligadas a esse momento das cidades brasileiras.

No caso do Recife, as áreas de subúrbio foram, de certa forma, contempladas como Zonas de Preservação na legislação municipal de 1979, mas, como frisamos, esses recortes não representaram a riqueza e a diversidade da produção arquitetônica recifense, especialmente a produção residencial, mais vinculada ao Ecletismo e aos Revivalismos na arquitetura ocorridos no século XIX e início do XX. A produção desse período, em grande parte, ficou à mercê de um mercado que, também, não via valor nessas construções e elas começaram, sistematicamente, a desaparecer da paisagem da cidade. A destruição dessas edificações é um problema identificado ainda na década de 1980, sendo um dos principais motiva-

dores para a realização da pesquisa “O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)”, realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, Fundaj, e financiada através de uma parceria entre a Fundação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq.

O objetivo desta pesquisa, coordenada pela arquiteta Edja Bezerra Faria Trigueiro, que contou com a consultoria de pesquisadores como José Luiz da Mota Menezes, era suprir uma lacuna historiográfica relativa ao cenário edificado existente na cidade desde o fim do período colonial, registrando edificações residenciais que marcaram o crescimento e a evolução do Recife ao longo de um século. Uma ameaça identificada pela pesquisadora a esse significativo acervo era o “acelerado processo de transformação, que vem apagando, do cenário e da memória, vestígios daquela evolução, substituídos por espingões murados e shopping centers”.<sup>5</sup>

*A casa de residência, parcela maior do cenário edificado de então e vítima preferencial da especulação e do descaso nos planos de preservação de hoje é o tipo construtivo que melhor revela aspectos sociais e materiais da existência urbana e da absorção de padrões culturais. Era construída, em grande maioria, sem a atuação de profissional erudito e, por isso, refletia o gosto e as possibilidades materiais do proprietário, além do grau de desenvolvimento das técnicas e da indústria.*<sup>6</sup>

A pesquisa, realizada entre os anos de 1985 e 1988, teve o recorte temporal dado em função de se entender que entre os anos de 1840 e 1940 foi o momento no qual o Recife rompeu com uma herança arquitetônica, de mais de trezentos anos, ligada à colonização portuguesa e passou a incorporar, nas suas edificações, elementos arquitetônicos e estilísticos vinculados a países europeus mais industrializados. O ano de 1840 foi escolhido como ponto inicial da pesquisa por ser considerado o marco da introdução de uma estética Neoclássica na cidade com a construção do Teatro de Santa Isabel, projetado pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier. Já 1940 foi tomado como marco temporal para o fechamento da pesquisa, porque foi o ano em que as inovações técnicas, formais e

---

<sup>5</sup> Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

<sup>6</sup> Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

funcionais que haviam tomado corpo na arquitetura europeia da década de 1920 começaram a alterar o perfil urbano do Recife, no entanto, sem considerar que os historicismos na arquitetura, especialmente o Estilo Missões<sup>7</sup>, ainda se fizeram presentes nas novas construções e foram comuns, no cenário recifense até, pelo menos, meados da década seguinte.



Código de Acesso: MT\_000004  
Teatro de Santa Isabel  
Manoel Tondella, 1900  
Coleção Manoel Tondella

O Recife que se construiu nesse recorte temporal não era mais, apenas, ligado ao bairro portuário, aos bairros de Santo Antônio e São José e ao Núcleo Antigo da Boa Vista, mas sim um Recife que se espalhou e se adensou pelos arredores da Boa Vista e pelos arrabaldes localizados nas várzeas dos rios da capital pernambucana. A pesquisa, então, fundamentou-se no princípio de que a atual capital pernambucana se construiu a partir de um avanço sobre as

água, guiado pelos seus três principais rios, o Capibaribe, o Beberibe e o Tejipió, que são encorpados por uma série de afluentes, riachos, gamboas e canais, além de bancos de areia e manguezais. Os movimentos de ocupação do território recifense estão impressos de forma evidente na malha urbana atual e podem ser facilmente percebidos através das principais vias de penetração a partir da região central, os eixos de expansão da cidade, que acompanham as várzeas dos três principais rios, ligados entre si a partir de vias perimetrais.

A pesquisa buscou contemplar a região da cidade que se expandiu a partir do século XIX. Os bairros do Recife, de Santo Antônio e de São

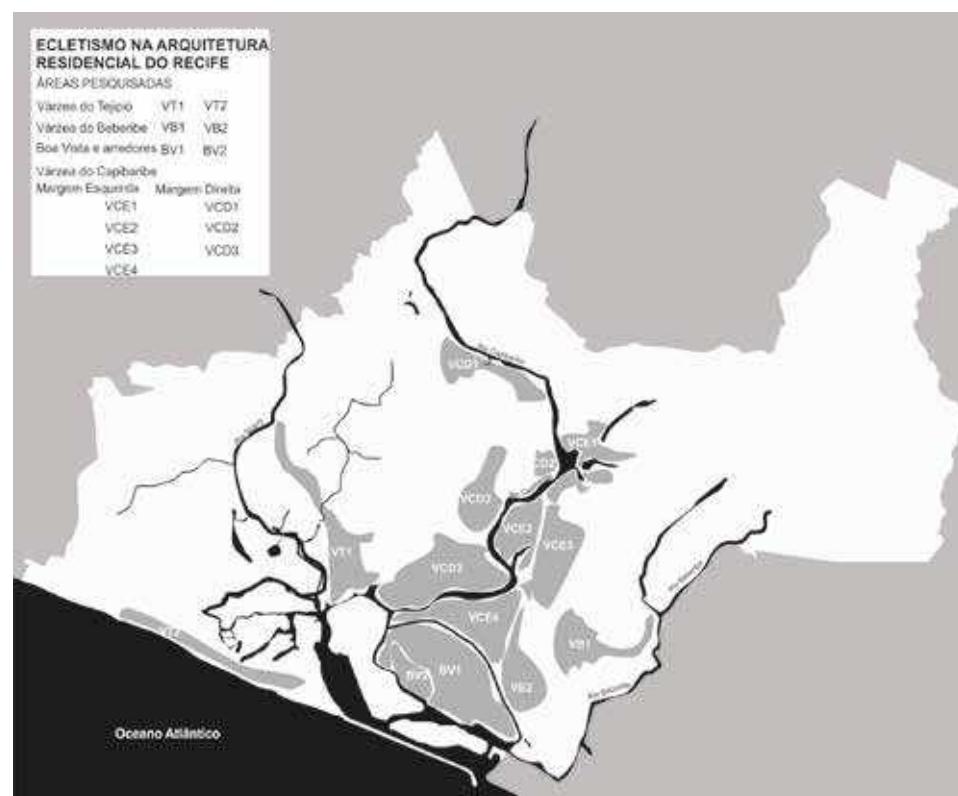
<sup>7</sup>Também conhecido como Missão Espanhola, esse Revivalismo surgiu no sudoeste dos Estados Unidos, no final do século XIX, nas localidades uma vez pertencentes ao México tais como Texas, Arizona e Califórnia, o *Mission Style*, na sua denominação original, era inspirado nas Missões Franciscanas construídas em finais do século XVIII e princípio do XIX naquela região e, ainda que introduzido no Brasil nas primeiras décadas do século XX, pelo arquiteto carioca Edgar Vianna, se popularizou no país a partir da década de 1930, especialmente através de livros e revistas especializadas, como também dos filmes hollywoodianos produzidos naquele momento.

José foram excluídos tanto em função de essas áreas serem historicamente mais bem documentadas, sendo objetos de estudo e ações de salvaguarda propostas pelo poder público, quanto em função de terem sido consideradas já quase que completamente ocupadas no período estudado, uma vez que foram consolidadas ainda durante o período colonial. Entendeu-se, naquele momento, que as transformações ocorridas no restante da cidade, nas áreas centrais, de forma geral, foram absorvidas apenas na linguagem formal das fachadas das edificações, sem absorver as variações e jogos volumétricos com maiores recuos que as novas construções nos arrabaldes da cidade possibilitaram. Cabe aqui destacar que o núcleo histórico da Boa Vista foi documentado, embora pudesse ter sido excluído por esse mesmo critérios, ao passo que a remodelação do Bairro do Recife, ocorrida no começo do século XX, não foi documentada, embora tenha sido um dos principais catalizadores na popularização das estéticas eclética e revivalista no Recife.

Cobrindo boa parte do território recifense, a área pesquisada foi dividida em quatro grandes regiões: a Boa Vista e Arredores, a Várzea do Beberibe, a Várzea do Capibaribe e a Várzea do Tejipió. Cada uma dessas áreas foi subdividida em outras treze sub-regiões, organizadas, especialmente, a partir de seus processos de ocupação.

*A Boa Vista e seus arredores e as três várzeas principais, do Tejipió, do Capibaribe e do Beberibe com suas primitivas vias de penetração, que aparecem na planta de 1855 [de autoria de José Mamede Ferreira], concentram a malha urbana que se desenvolveu durante o período estudado.<sup>8</sup>*

Áreas Pesquisadas. Anexo 6  
do Relatório Final da Pesquisa,  
16 de março de 1988



<sup>8</sup>Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

A área da **Boa Vista e Arredores** compreendeu a grande ilha fluvial onde está localizado um dos últimos bairros centrais da cidade. Esta região foi subdividida em duas outras, sendo a primeira o **Núcleo Antigo da Boa Vista**, que compreende a parcela da área de ocupação mais antiga, reunida, especialmente no entorno do triângulo formado entre as ruas Velha, da Glória e da Santa Cruz, além das áreas de expansão, no século XIX, compreendidas pelas ruas da Imperatriz e Aurora, bem como os seus entornos. Já a segunda subdivisão da área, chamada **Arredores da Boa Vista**, diz respeito ao restante da ilha, abrangendo os bairros de Santo Amaro, Soledade e trechos do bairro do Paissandu e a trechos da própria Boa Vista. Essa região, de ocupação mais espaçada, permitiu a absorção dos novos modelos arquitetônicos tanto no nível de ornamentação das fachadas quanto nos volumes e programas de necessidade das edificações, o que ocorreu de forma menos enfática no núcleo antigo.

Outra região estudada foi a **Várzea do Capibaribe**, que, em termos de abrangência espacial, foi a maior área da pesquisa, principalmente em função da sua ocupação mais antiga, fixada ainda no período da colonização, com um grande número de engenhos de açúcar funcionando nas margens do rio. Esta área abrange toda a extensão das terras do rio Capibaribe na capital e foi dividida entre as duas margens do rio, com um total de sete sub-regiões, seguindo critérios de evolução histórica e de concentração das edificações remanescentes do período estudado. A margem direita do rio, que compreende a área de ocupação mais a oeste da área central da cidade, foi subdividida em três: **Várzea do Capibaribe Margem Direita 1**, compreendendo os bairros da Várzea e Caxangá; **Várzea do Capibaribe Margem Direita 2**, compreendendo os bairros do Cordeiro, Barbalho e Iputinga; **Várzea do Capibaribe Margem Direita 3**, englobando os bairros da Madalena e Torre.

Já a margem esquerda, que está localizada mais ao norte do centro da cidade, foi subdividida em quatro: **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 1**, compreendendo os bairros do Monteiro, Apipucos e Dois Irmãos; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 2**, compreendendo os bairros de Casa Forte, Poço da Panela e Santana; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 3**, bairros de Casa Amarela, Parnamirim e Tamarineira; **Várzea do Capibaribe Margem Esquerda 4**, englo-

bando os bairros do Paissandu, Derby, Graças, Aflitos, Espinheiro, além das regiões conhecidas como Manguinhos e Ponte D'Uchoa.

Já a **Várzea do Beberibe**, embora com uma ocupação datada ainda dos primeiros séculos, não sofreu um processo de ocupação tão intenso quanto a do Capibaribe e foi considerada depositária de um menor número de edificações construídas no período estudado, sendo ocupada a partir de dois grandes eixos. O primeiro deles, chamado de **Várzea do Beberibe 1**, teve sua ocupação a partir de duas vias principais: a Estrada de Beberibe, hoje Avenida, e o caminho novo de Beberibe, hoje Estrada Velha de Água Fria; já o segundo, a **Várzea do Beberibe 2**, foi considerado como a faixa ocupada ao longo da Estrada de Belém, a partir do Largo da Encruzilhada em direção a Olinda.

Por fim, a **Várzea do Tejipió**, última área estudada, foi considerada a região mais ao sul do centro da cidade, que se expandiu ao longo das margens desse rio. A região também recebeu duas subdivisões: a primeira, **Várzea do Tejipió 1** englobando a antiga Estrada da Vitória, que partia do Largo da Paz, correndo entre os rios Tejipió e Jordão, em direção ao interior, passando pelos bairros de Afogados, Barro, Estância e Tejipió; e a segunda, chamada **Várzea do Tejipió 2**, considerada a faixa litorânea, entre o rio Jordão e o mar,

*onde apenas havia sítios de coqueiros e a remota povoação de pescadores de Nossa Senhora da Boa Viagem, só foi ocupada mais densamente a partir da década de 1920, com a abertura da então avenida Beira Mar, hoje avenida Boa Viagem.<sup>9</sup>*

Esse trecho é aquele, de toda a região estudada, onde o processo de ocupação se deu mais recentemente, compreendendo os bairros de Boa Viagem e Pina, que, no momento da pesquisa, já apresentaram pouquíssimos exemplares datados do início do século XX, muito em razão do processo de verticalização acentuada da área iniciado anos antes.

As edificações registradas na pesquisa foram, então, estudadas e analisadas a partir de categorias como implantação, volumetria e composição estilística das fachadas, onde foram identificados três tipos distintos de implantação no lote dessas edificações, bem como seis tipos

<sup>9</sup> Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

diversos de volumetria, além de sete tipos principais de fachada que, apresentando tendências básicas semelhantes quanto às fachadas, entretanto longe de esgotarem as variações encontradas, representam uma minoria dentro deste universo de linguagens estilísticas superpostas, amalgamadas, distorcidas e adaptadas e compõem um quadro extremamente eclético.<sup>10</sup>

A linguagem formal das fachadas talvez seja um dos elementos de análise que melhor sejam caracterizadores das edificações, pois são aqueles mais facilmente perceptíveis, tanto para especialistas em história da arquitetura quanto para os leigos no assunto. Os sete grupos de composição estilística das fachadas identificados, num primeiro momento, situam as edificações recifenses numa trajetória maior da história da arquitetura produzida no país, e em especial na região, a partir de diversos critérios, tais como período de construção, influências estilísticas e composição arquitetônica. Essas categorizações, utilizadas, inclusive, pela Prefeitura do Recife para ampliar a seleção de imóveis protegidos na cidade, são os seguintes:

**Colonial**, embora se reconheça que não existe, propriamente, um “estilo colonial”, esse termo foi utilizado para identificar a arquitetura produzida no período colonial, especialmente em fins do século XVIII, que se prolongou pelo século seguinte, sem grandes alterações;

**Transição**, usado para as edificações do grupo anterior, que foram atualizadas em sua feição estética com elementos, em sua maioria, vinculados ao gosto neoclássico que se popularizou a partir de 1840;

**Neoclassicismo**, relativo às edificações construídas entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, utilizando-se de uma linguagem neoclássica;

**Romantismo fim de século**, usado para as edificações construídas na virada do século XIX para o XX, em especial as encontradas nos subúrbios, isoladas em lotes maiores, e que são popularmente conhecidas como chalés;

**Decorativismo anos 20**, utilizado para classificar aquilo que en-

<sup>10</sup> Relatório Final da Pesquisa, Metodologia Aplicada. 16 de março de 1988, sem paginação.

tendemos, hoje, como a Arquitetura Eclética, propriamente dita, intensamente ornamentada e pejorativamente chamada de “bolo de noiva”, que já se fazia presente na cidade desde o século XIX e que viveu seu apogeu a partir da reforma do Bairro do Recife, ocorrida na década de 1910;

**Pitoresco**, utilizado para classificar as edificações, em sua maioria construídas nas décadas de 1920 e 1930, quando a linguagem historicista na arquitetura desaparece e as referências utilizadas são as vernaculares de países do centro e do norte europeu; e, por fim,

**Neocolonial**, que, apesar de se tratar de um revivalismo que difere da produção eclética por diversas razões, foi categorizado na pesquisa, junto ao Estilo Missões, como “uma versão da arquitetura eclética”, não sendo enquadrado junto a esta, possivelmente, pela fácil datação dessa produção, intensa na cidade, especialmente nos anos 1920 e 1930.

Pretendeu-se, num segundo momento da pesquisa, fazer a identificação dos exemplares mais significativos da cidade, elaborando o levantamento arquitetônico e uma pesquisa histórica mais aprofundada acerca dessas edificações, além de uma documentação fotográfica mais minuciosa. Entretanto, o pouco tempo, além dos parcisos recursos humanos e financeiros, naquele momento, inviabilizaram a elaboração dessa segunda etapa. Outra questão levantada no decorrer da pesquisa foi em relação a uma datação mais precisa das edificações, vista como uma tarefa mais dispendiosa. A dificuldade, naquele momento, em se estabelecer o momento preciso de construção do acervo pesquisado foi um problema reconhecido no decorrer da pesquisa, e, embora houvesse um período de abrangência determinado, optou-se por uma flexibilização maior, com a intenção de registrar tudo aquilo considerado construído até o ano de 1940, no entanto reconhecendo-se que

*alguns exemplares foram certamente esquecidos, mas confiamos que a documentação represente mais de 90% da totalidade existente na época, hoje já sensivelmente reduzida pelas inúmeras demolições que dilapidam diariamente o acervo.<sup>11</sup>*

---

<sup>11</sup> Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação.

A pesquisa ainda levantou dados como a situação da edificação no lote, usos, estado de conservação, grau de descaracterização e características como o número de pavimentos e a presença de porão, sótão ou belvedere, destacando, nas fichas de identificação dos imóveis, construções que foram demolidas no decorrer da pesquisa. Tendo produzido uma riquíssima documentação textual, através da análise das edificações, a partir de critérios como implantação, volumetria e composição estilística das fachadas, a pesquisa, no entanto, talvez tenha tido como o seu principal produto a vasta documentação de uma produção arquitetônica característica do Recife que estava em VIAS de desaparecer, ou até mesmo desaparecendo ao longo das visitas de campo, como destacado na documentação produzida. Ao todo, foram registrados mil seiscentos e trinta e cinco imóveis residenciais, distribuídos por duzentas e quatorze ruas da cidade, em mil trezentos e sessenta negativos, hoje sob a guarda do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade, o Cehibra, da Fundação Joaquim Nabuco. As fotografias da coleção foram produzidas entre março de 1985 e novembro de 1987 e, além das imagens de autoria da coordenadora da pesquisa, Edja Trigueiro, a coleção ainda conta com outras de autoria de Eliane Velozo, Rucker Vieira e Severino Ribeiro,<sup>12</sup> tendo sido incorporadas ampliações fotográficas, de autoria não identificada, que retratam a demolição de alguns dos exemplares arquitetônicos registrados no decorrer da pesquisa.

A demolição dessas edificações, como já destacado anteriormente, era um elemento presente no dia a dia dos pesquisadores, e o registro delas tinha como uma de suas motivações “sensibilizar e alertar profissionais e população para perdas irreversíveis e muitas vezes absurdas”<sup>13</sup> desses exemplares arquitetônicos. Era uma destruição que precisava, de certa forma, ser evitada. A prestação de contas da pesquisa “O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)” nos mostra que Edja Trigueiro ainda foi encarregada de elaborar uma proposta de proteção para a área de estudo em Casa Forte, um dos bairros mais contemplados no número de edificações registradas, no entanto este documento, se chegou a ser elaborado, não foi localizado na documentação

---

<sup>12</sup> Mais informações sobre esses fotógrafos podem ser encontradas ao final desta publicação.

<sup>13</sup> Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação.

relativa ao projeto. De qualquer forma, no ano seguinte ao término da pesquisa, mudanças foram implementadas, pela Prefeitura do Recife, na legislação daquela região visando à preservação de alguns exemplares arquitetônicos identificados e documentados.

A região já possuía algumas Zonas de Preservação, implementadas em 1979 e regulamentadas no ano seguinte, como as de Apipucos e do Poço da Panela, no entanto, apesar da existência dessas áreas protegidas, uma parcela significativa do acervo edificado desse trecho da cidade estava fora delas e precisava ser protegido. Então, em 8 de março de 1989 foi promulgada a lei nº 15.199, que alterou o zoneamento dos bairros de Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço da Panela, Monteiro e Apipucos, sendo esta uma lei que emerge em função de diversas demandas da população da região, que via a necessidade de se preservar uma ambiência do bairro, assim como a necessidade de se ampliar o número de edificações protegidas, como estava apontado na pesquisa desenvolvida na Fundação Joaquim Nabuco.

Norma Lacerda historia o processo de constituição de um movimento popular, que ficou conhecido como *Amigos de Casa Forte*, que tinha por objetivo a preservação, naquela região, de valores paisagísticos, históricos e sociais.<sup>14</sup> O movimento, que buscava restringir as regras de uso e ocupação do solo na região, tem suas origens no anúncio dos planos de construção de um edifício de dezessete andares nos limites da zona de preservação do Poço da Panela, o Edifício Morada Real do Poço, localizado na rua Luiz Guimarães, número 183. Segundo a autora, o edifício passou “a ser visto como um símbolo construído em homenagem à glória da promoção imobiliária, um símbolo, para os moradores da área, da profanação do espaço sagrado”.<sup>15</sup> Então, em abril de 1986, o movimento *Amigos de Casa Forte* solicita à Prefeitura do Recife uma revisão na lei de uso e ocupação do solo, vigente desde 1983, para tentar barrar o surgimento daquele e de novos arranha-céus no bairro. Ainda segundo Norma Lacerda,

---

<sup>14</sup> LACERDA, Norma, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção do espaço urbano do Recife*. Recife: Cepe, 2018.

<sup>15</sup> LACERDA, Norma, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção*

*Dois sistemas de força se enfrentaram. De um lado, uma comunidade constituída por uma classe média numerosa, consciente e organizada, contando com o apoio (i) do mundo intelectual e político local; (ii) dos segmentos pobres da população (para quem a verticalização representava um perigo); (iii) da imprensa, com sua tradicional tendência populista; (iv) dos partidos políticos de esquerda e das associações profissionais, com seus comportamentos tendentes ao agitacionismo e, finalmente, (v) da Igreja Católica, a partir de seus militantes comprometidos com o bem-estar da comunidade. Todas estas forças lutavam pelo preparo de uma lei de uso do solo dotada de força suficiente para a preservação daquilo que a comunidade possuía de mais precioso. De outro lado, atuavam os interesses das empresas imobiliárias, com sua capacidade vasta e polimórfica de influir, aliciar e exercer pressão.<sup>16</sup>*

A construção do edifício Morada Real do Poço foi anunciada ainda durante a primeira gestão de Jarbas Vasconcelos na Prefeitura do Recife, entre 1986 e 1988, e durante esse tempo o movimento *Amigos de Casa Forte* não conseguiu concretizar as suas demandas. O processo durou alguns anos, por coincidência, os mesmos de desenvolvimento da pesquisa “O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)”, e somente com a troca de comando no executivo municipal e uma renovação na Câmara de Vereadores a população teve o seu pleito atendido: em 8 de março de 1989 foi promulgada a lei nº 15.199. No entanto, não a tempo de impedir a alteração da escala urbana da região, com a construção de alguns arranha-céus, como o próprio Morada Real do Poço, finalizado em 1992, ou o Edifício Baraúna, com dezoito pavimentos, localizado na Avenida 17 de Agosto, número 1820, concluído em 1990, às custas da demolição de uma edificação documentada pela pesquisa realizada pela Fundaj e que havia sido indicada na pré-seleção, presente na lei nº 15.199, para ser preservada.



Código de acesso:  
ECL\_003\_000024  
Casa térrea, hoje demolida,  
localizada na Avenida 17 de  
Agosto, nº 1820, Casa Forte  
Edja Trigueiro, março de 1985

---

*do espaço urbano do Recife. Recife: Cepe, 2018, p. 61.*

<sup>16</sup> LACERDA, Norma. A produção social dos interesses fundiários e imobiliários - o caso de Recife. *Caderno CRH*, 9, n. 24, jan./dez. 1996, p. 31.

Tal legislação não apenas alterou os parâmetros construtivos da região, como também criou uma Zona de Preservação no bairro do Monteiro, e proibiu durante noventa dias, a alteração ou demolição de uma série de imóveis, identificados como de Arquitetura Eclética, listados em um dos anexos da legislação. É nesses anexos que encontramos um fruto direto da pesquisa de Edja Trigueiro, quando vemos que a listagem das edificações publicadas no *Diário Oficial do Recife*, no dia 8 de março de 1989, é uma reprodução direta das fichas usadas na documentação da Arquitetura Eclética do Recife, que se encontram no acervo do Centro de Documentação do Cehibra. A seleção final dos imóveis preservados foi publicada, em 21 de julho de 1989, no decreto nº 14.745, que apresentou uma listagem contendo quarenta e uma edificações. Dessa seleção, no entanto, estava excluído o número 1820, que possivelmente já havia sido demolido para a construção do Edifício Baraúna.

Não foi somente esta a contribuição da pesquisa para o melhoramento das políticas municipais de preservação de um patrimônio edificado. Nilson Pereira afirma que, em 1994, o poder público municipal reconheceu a necessidade de ampliar a quantidade de imóveis protegidos na cidade, a exemplo do que já havia sido feito em Casa Forte e no Poço da Panela em 1989. Então, os mesmos procedimentos determinados por Edja Trigueiro, na seleção dos quarenta e um imóveis em Casa Forte e no Poço da Panela, foram novamente utilizados, quando foram catalogados os primeiros Imóveis Especiais de Preservação na cidade do Recife. Um argumento para isso, segundo Nilson Pereira, foi que

*A pesquisa desenvolvida por Trigueiro estuda a arquitetura residencial pré-modernista no Recife, ou seja, a produção da arquitetura doméstica, posterior à produção colonial e anterior à modernista, construída a partir de meados do século XIX até meados do século XX, constituindo-se no principal documento de referência para identificação dos imóveis com recomendação para preservação instituída pelo município.<sup>17</sup>*



Código de acesso: ECL\_AMP\_001394

Construção do Edifício Baraúna,  
Avenida 17 de Agosto,  
nº 1820, Casa Forte  
Fotógrafo não identificado, [1990]

<sup>17</sup> PEREIRA, José Nilson de Andrade. *Renovar preservando: os Imóveis Especiais de*

Além de a pesquisa ter-se constituído como referência incontornável na identificação dos imóveis construídos ligados a uma tradição arquitetônica historicista, o trabalho acabou por categorizar essas edificações, segundo suas referências estilísticas, já citadas anteriormente, em categorias que até hoje são utilizadas na classificação de imóveis pelo poder público municipal. Edja Trigueiro defendeu que a pesquisa era uma contribuição “para a compreensão da moradia nordestina como um todo”, esperando que ela

*tenha sido um primeiro e importante passo para a preservação e o estudo sistemático da formação e evolução do cenário urbano do Recife enquanto constituído predominantemente pela arquitetura quase sempre anônima das casas de morar.<sup>18</sup>*

A documentação resultante da pesquisa, que retrata essa arquitetura, quase sempre anônima, das residências recifenses, é uma rica fonte de pesquisa para aqueles que buscarem se aventurar a conhecer melhor e tentar compreender a tradição arquitetônica historicista da cidade. Além disso, a coleção retrata um acervo arquitetônico que mostra o resultado de um deslocamento habitacional da população recifense para as áreas de subúrbio, ocorrido ao longo de um século, onde podemos observar a opulência das edificações construídas, por exemplo, na margem do Rio Capibaribe, como as localizadas na antiga Passagem da Madalena, na Ponte D’Uchoa e no Poço da Panela. Mas não só essas residências da aristocracia estão retratadas nesses negativos, uma classe média em expansão, bem como os membros mais empobrecidos dessa sociedade se fazem presentes com suas residências menos suntuosas, mais singelas, porém igualmente importantes como documentos da popularização de um gosto historicista na arquitetura e da evolução urbana da capital pernambucana.

---

*Preservação no Recife. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009, p. 119.*

<sup>18</sup> Relatório Final da Pesquisa, Classificação dos Exemplares. 16 de março de 1988, sem paginação.

## **REFERÊNCIAS**

- CARVALHO, Maurício Rocha de. *Ecletismo arquitetônico na cultura pernambucana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 1992.
- FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, N°. 1, 1993. p.131-143.
- LACERDA, Norma. A produção social dos interesses fundiários e imobiliários – o caso de Recife. *Caderno CRH*, 9, n. 24, jan./dez. 1996.
- \_\_\_\_\_, [et. Al.]. *Lei dos 12 bairros: Contribuição para o debate sobre a produção do espaço urbano do Recife*. Recife: Cepe, 2018.
- PATETTA, Luciano. “Los revivals en arquitectura”. ARGAN, Giulio Carlo et alt. *El Pasado en el Presente: el Revival en las Artes Plásticas, la Arquitectura, el Cine y el Teatro*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 129-163.
- PEREIRA, José Nilson de Andrade. *Renovar preservando: os Imóveis Especial de Preservação no Recife*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009
- TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. *Oh de fora! Um estudo sobre a arquitetura residencial pré-modernista do Recife, enquanto elemento básico de ocupação do cenário urbano*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: UFPE, 1989.



## O NÚCLEO ANTIGO DA BOA VISTA

O Núcleo Antigo da Boa Vista tem suas origens ainda no século XVII, quando começaram os primeiros arruamentos dispersos por aquela região. O lugar foi se desenvolvendo e se consolidando a partir de uma área hoje compreendida pelo triângulo formado entre as ruas Velha, da Glória e da Santa Cruz, de onde novos arruamentos foram surgindo. No século XIX, esse núcleo antigo se expandiu, ocupando novas faixas de terra, consolidando bairros como Soledade e Santo Amaro, bem como a partir de aterros no rio Capibaribe, tanto na direção sul, para a região dos Coelhos, quanto para o norte, dando origem a ruas famosas como a da Imperatriz e da Aurora.

Código de acesso:  
ECL\_093\_000919

Sobrado localizado na Rua Velha,  
nº 403, junto ao Largo da Santa  
Cruz, Boa Vista, construído ainda  
no período colonial que recebeu  
uma ornamentação de gosto  
neoclássico ao longo do século XIX  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_090\_000884  
Conjuntos de casas térreas na  
Rua da Santa Cruz, Boa Vista,  
mostrando parte do conjunto de  
imóveis azulejados da via  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_091\_000900  
Sobrado e casa térrea azulejada,  
localizados na Rua Velha, nº 180  
e 186, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_134\_001326  
Conjunto de sobrados e casas  
térreas localizados na Rua da  
Glória, nas proximidades com a  
Rua Velha, Boa Vista  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_077\_000754  
Sobrado revestido com azulejos  
portugueses de influência  
holandesa datados do século XIX  
e localizado na Rua da Aurora,  
nº 457, Boa Vista, antes de ter  
seus azulejos removidos e de ser  
transformado, pela Fundação do  
Patrimônio Histórico e Artístico  
de Pernambuco, a Fundarpe,  
no Teatro Arraial  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Consolidado ainda no período colonial, o Núcleo Antigo da Boa Vista guarda muitas características desse momento da cidade, como construções geminadas, próximas da rua, que, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século passado foram recebendo as novas comodidades e sendo “atualizadas” para o gosto estilístico vigente no momento, sendo ele, majoritariamente, neoclássico ou eclético. Essa diversidade de elementos historicistas se faz presente em praticamente todas as regiões do bairro.

Código de acesso:

ECL\_089\_000883

Conjuntos de edifícios na Rua da

Santa Cruz, nº 190 e 198, Boa Vista

Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_112\_001107  
Casas térreas na Rua dos Prazeres,  
nº 228, 236 e 238, Coelhos  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_093\_000915  
Casas térreas na Rua Leão  
Coroado, nº 45 e 53, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_134\_001322  
Conjunto de edificações na  
Rua da Matriz, Boa Vista, onde  
percebemos diversos elementos  
ornamentais ecléticos e  
neoclássicos  
Eliane Velozo, junho de 1987





Código de acesso:  
ECL\_091\_000901  
Casas térreas na Rua Velha, nº  
221 e 223, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_091\_000898  
Em primeiro plano, casas térreas com uma ornamentação eclética, tendo ao fundo edificações ainda de gosto neoclássico, localizadas na Rua da Glória  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_135\_001336  
Edifício eclético localizado na Rua Velha, nº 14, na esquina com o Cais José Mariano, Boa Vista, onde funcionou a Escola Maurício de Nassau  
Eliane Velozo, junho de 1987

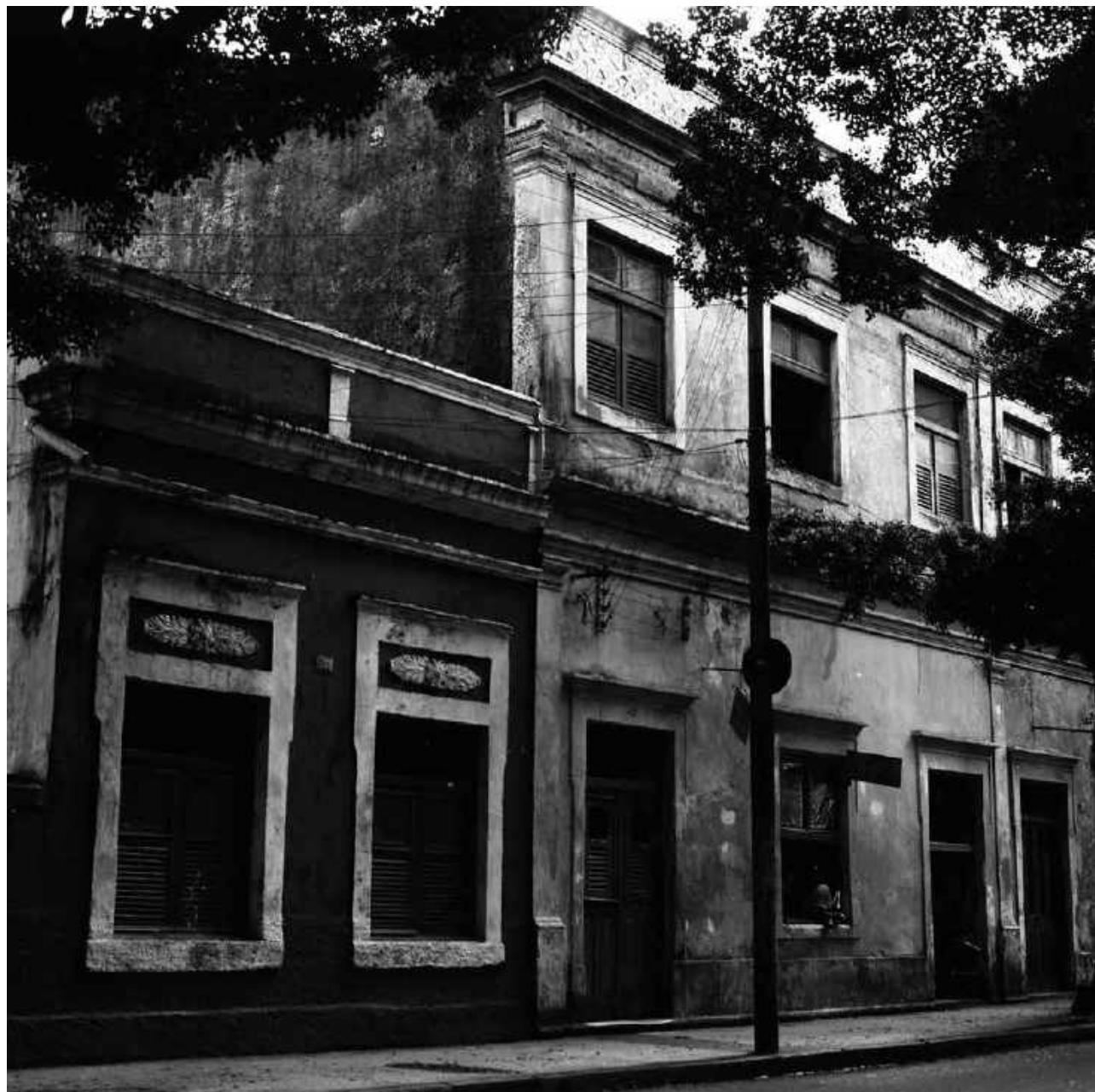


Código de acesso:  
ECL\_057\_000563  
Sobrados com ornamentação eclética localizados na Rua da Imperatriz, Boa Vista  
Edja Trigueiro, abril de 1986



A área dos arredores da Boa Vista, ao longo do século XIX, ainda apresentava uma ocupação muito espaçada. Nessa região, percebemos tanto a presença de edificações que em muito se assemelham às do núcleo antigo do bairro, feitas sem recuos e com uma linguagem ornamental que em muito nos remete ao fim do período colonial e ao século XIX, como de novas construções, já incorporando as modificações pelas quais passou a arquitetura brasileira durante aquele período.

Código de acesso:  
ECL\_138\_001362  
Casa térrea e sobrados de gosto  
neoclássico, localizados na  
Avenida Oliveira Lima, nº 931,  
935 e 955, Soledade  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_139\_001372  
Conjunto de casas térreas  
localizado na Rua do Sossego,  
em Santo Amaro, hoje já bastante  
alterado, tendo restado poucos  
exemplares preservados, sendo um  
deles a casa onde viveu o artista  
Abelardo da Hora, a de nº 307  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_139\_001380  
Conjunto de casas térreas na  
Rua Gervásio Pires, entre as  
ruas do Riachuelo e do Príncipe,  
na Boa Vista, hoje já bastante  
descaracterizado  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_108\_001071  
Sobrado com ornamentação  
de gosto neoclássico, hoje  
descaracterizado, localizado  
na Rua das Ninfas, nº 146, na  
esquina com a Avenida Manoel  
Borba, Soledade  
Edja Trigueiro, julho de 1986

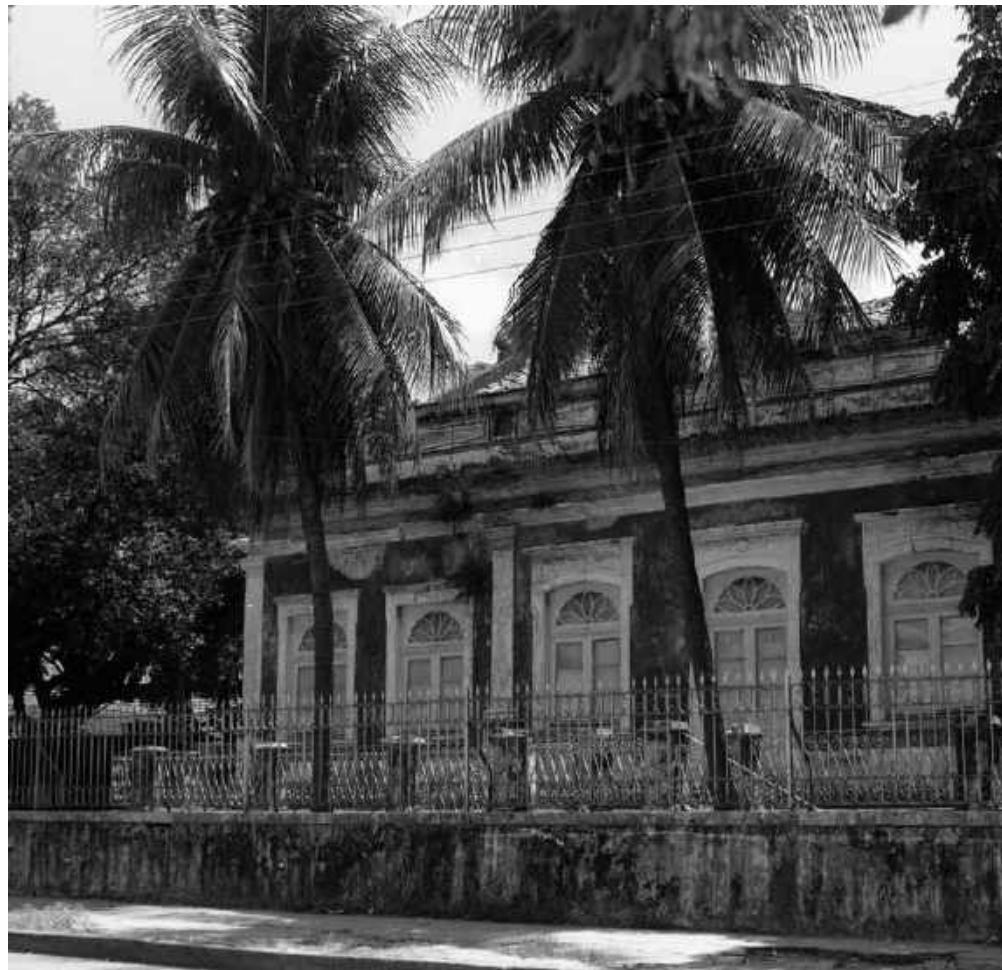
O Solar do Pombal, antiga residência de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, o primeiro barão e Visconde de Suassuna, é um marco na avenida do bairro de Santo Amaro que recebeu seu nome em homenagem ao Visconde. A edificação, uma construção setecentista, foi reformada em 1853 a fim de ser modernizada ao gosto neoclássico que se popularizava em Pernambuco a partir da construção do Teatro de Santa Isabel. O Solar, que é um grande exemplo da estética Neoclássica no estado, foi uma das primeiras construções ligadas a ela, e possui, em seu volume central, encimado por um frontão com o brasão da família, um tratamento bastante refinado para a época, com portas e janelas em arco pleno, e diversos elementos ornamentais, tais como frisos, gregas e acrotérios.

Código de acesso:  
ECL\_137\_001358

Solar do Pombal, localizado na Avenida Visconde de Suassuna, nº 393, Santo Amaro  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_130\_001286  
Casa de gosto neoclássico  
localizada na Rua Bispo Cardoso  
Ayres, nº 145, na esquina com  
a Rua do Príncipe, em Santo  
Amaro, antes da sua demolição  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_AMP\_001395  
Casa de gosto neoclássico  
localizada na Rua Bispo Cardoso  
Ayres, nº 145, na esquina com  
a Rua do Príncipe, em Santo  
Amaro, durante a sua demolição  
Autor não identificado, entre  
1987 e 1992





Código de acesso:  
ECL\_137\_001355 e  
ECL\_137\_001356

Trecho de um conjunto significativo de casas térreas, de gosto neoclássico, revestidas por azulejos de origem portuguesa, localizado na Rua do Paissandu, hoje demolido  
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:  
ECL\_040\_000395  
Sobrado revestido por azulejos  
franceses, hoje demolido, junto a  
uma casa térrea, localizados na  
Rua do Príncipe, nº 752 e 742,  
Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_075\_000737  
Casa de gosto neoclássico, com  
aspecto de sítio e revestida por  
azulejos franceses de padrão  
exclusivo no estado, hoje  
removidos, localizada na Rua  
João Fernandes Vieira, nº 130,  
na Soledade  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Já no último quartel do século XIX, com a popularização de outros gostos historicistas em Pernambuco, edificações, que outrora apresentaram elementos neoclássicos, agora passam a sobrepor uma série de outros ornamentos com as mais diversas referências.

Código de acesso:

ECL\_129\_001280

Sobrado localizado na Avenida João de Barros, nº 561, Boa Vista, que hoje teve boa parte dos seus elementos ornamentais removidos

Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_139\_001375  
Sobrados, hoje demolidos,  
localizados na Rua do Riachuelo,  
nº 403 e 413, Boa Vista  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_024\_000237  
Sobrado localizado na Rua do  
Príncipe, nº 280, Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro de 1985



A residência de subúrbio, hoje demolida, localizada na Rua Dom Bosco, nº 1299, Boa Vista, aparentemente, foi construída ainda no século XIX, sendo reformada e acrescida, posteriormente, de uma ornamentação de caráter Revivalista Neogótico. Encontramos nessa edificação uma rica profusão de elementos típicos da Arquitetura Gótica, tais como portas e janelas com arcos ogivais, flechas, uma platibanda recortada por ogivas no volume central e outra com ameias na varanda, esta ainda apresentando arcos canopiais, característicos do Gótico Flamejante e do Manuelino.

Nos arredores da Boa Vista ainda são encontrados os mais diversos tipos de residências ecléticas, sejam elas edifícios simples, mais antigos, sem recuos, atualizados para o novo gosto arquitetônico em voga, sejam novas construções, à semelhança de palacetes, para servir de morada a uma nova camada social emergente.

Código de acesso:  
ECL\_124\_001227  
Residência, hoje demolida,  
localizada na Rua Dom Bosco,  
nº 1299, Boa Vista  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_040\_000393  
Casa térrea, hoje demolida,  
localizada na Rua do Príncipe,  
nº 682, Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_095\_000937  
Casas térreas com ornamentação eclética localizadas na Rua Doutor Silva Ferreira, nº 43 e 49, Santo Amaro, hoje demolidas  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_094\_000926  
Casas ecléticas conjugadas, localizadas na Rua Capitão Lima, nº 307 e 321, Santo Amaro  
Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_138\_001365  
Residência com ornamentação  
eclética localizada na Rua do  
Riachuelo, nº 699, Boa Vista  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_074\_000724  
Casa eclética que fazia parte de  
um conjunto de edificações, hoje  
praticamente desaparecido, com  
pouca variação na ornamentação,  
construído, possivelmente, como  
forma de investimento, localizada  
na Avenida Montevidéu,  
nº 114, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_079\_000774  
Residência eclética localizada na  
Rua do Hospício, nº 619,  
Santo Amaro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_075\_000738  
Residência eclética, hoje em  
ruínas, localizada na Rua João  
Fernandes Vieira, nº 111, Soledade  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_075\_000735  
Residência eclética localizada  
na Rua João Fernandes Vieira,  
nº 308, Soledade  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_093\_000923  
Gradil e residência eclética  
ao fundo localizados na Rua  
Gervásio Pires, nº 382, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_106\_001048  
Palacete eclético localizado na  
Avenida Manoel Borba, nº 292,  
Boa Vista  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_123\_001218  
Palacete eclético, construído  
na década de 1920, com  
particularidades em relação aos  
demais exemplares encontrados  
na cidade, a exemplo de volumes  
distintos articulados entre si, porão  
alto habitável e um jardim com  
coreto, localizado na Rua Dom  
Bosco, nº 779, Boa Vista. Neste  
edifício funcionou, durante alguns  
anos, o Centro Josué de Castro  
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:  
ECL\_124\_001228  
Palacete eclético projetado pelo  
arquiteto Giácomo Palumbo,  
localizado na Rua Dom Bosco,  
nº 1216, Boa Vista  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_123\_001214  
Palacete eclético, com destaque  
para o torreão da construção,  
remetendo à Arquitetura  
Pitoresca, localizado em frente à  
Praça Chora Menino, na Rua do  
Paissandu, nº 189, Paissandu  
Eliane Velozo, abril de 1987



O que se convencionou chamar de Arquitetura Pítoresca tem como referência a arquitetura vernácula de regiões centrais e norte-europeias, sendo contemporâneo, em Pernambuco de outras manifestações do começo do século XX, como o Ecletismo. No Recife, ela é mais comumente encontrada nos novos bairros, que se expandiram a partir do início do século XX, sendo mais raras na região central da cidade, no entanto a casa pítoresca localizada na Rua José de Alencar, nº 367, na Boa Vista, é talvez um dos melhores exemplares. Apresentando diversos elementos comuns ao estilo, como revestimento em pedra, telhado piramidal, es-tuque imitando estruturas do tipo enxaimel ou mãos-francesas de madeira, essa residência ainda é caracterizada por um terraço semicircular, apoiado em colunas e coberto com telhas imitando um revestimento de ardósia.

Código de acesso:  
ECL\_136\_001350  
Casa pítoresca na Rua José de  
Alencar, nº 367, Boa Vista  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_023\_000221  
Casa pitoresca localizada na  
Avenida Visconde de Suassuna,  
nº 871, Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_108\_001072  
Casas pitorescas geminadas,  
localizadas na Rua das Ninfas, nº  
112 e 84, Soledade  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_124\_001225  
Casas pitorescas geminadas,  
localizadas na Rua Artur  
Orlando, nº 129 e 127, Boa Vista  
Eliane Velozo, abril de 1987



Os Chalés Românticos, que têm sua origem nas áreas campestres europeias e que conjugam diversos elementos ornamentais, não foram comuns na área central da cidade e, hoje, praticamente todos os seus exemplares, ali localizados, foram demolidos.



Código de acesso:  
ECL\_040\_000394  
Chalé, hoje demolido,  
localizado na Rua do Príncipe,  
nº. 667, Soledade  
Rucker Vieira, novembro  
de 1985



Código de acesso:  
ECL\_075\_000734  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Rua Joaquim Felipe,  
nº 260, Boa Vista  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_078\_000769  
Casa localizada na Rua do  
Hospício, nº 751, Santo Amaro  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Revivalismos como o Neocolonial e o Estilo Missões também são encontrados na região central do Recife, sendo, talvez, uma das primeiras edificações dessa área a mostrar elementos ligados a esses movimentos a localizada em frente ao Parque 13 de maio, na Rua do Hospício, nº

751, em Santo Amaro. A antiga residência de José Rufino Bezerra Cavalcanti Filho, possivelmente, era uma construção eclética que foi reformada, entre 1923 e 1926, sendo a ela incorporados mais um pavimento e elementos ornamentais ligados ao Neocolonial. Nessa edificação convivem, de forma harmoniosa, elementos ligados a esses dois historicismos, no entanto, aproximando-se mais de uma feição Neocolonial, graças a elementos como os beirais de telha, as telhas do tipo rabo de andorinha, os painéis e bancos de azulejos e as colunas torsas.



Código de acesso:  
ECL\_040\_000398  
Casa Neocolonial onde viveu  
o engenheiro José Estelita,  
localizada na Avenida João de  
Barros, nº 236, Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro  
de 1985





Código de acesso:  
ECL\_082\_000805  
Casa Neocolonial localizada na  
Rua Gouveia de Barros, nº 73,  
Santo Amaro  
Edja Trigueiro, junho de 1986

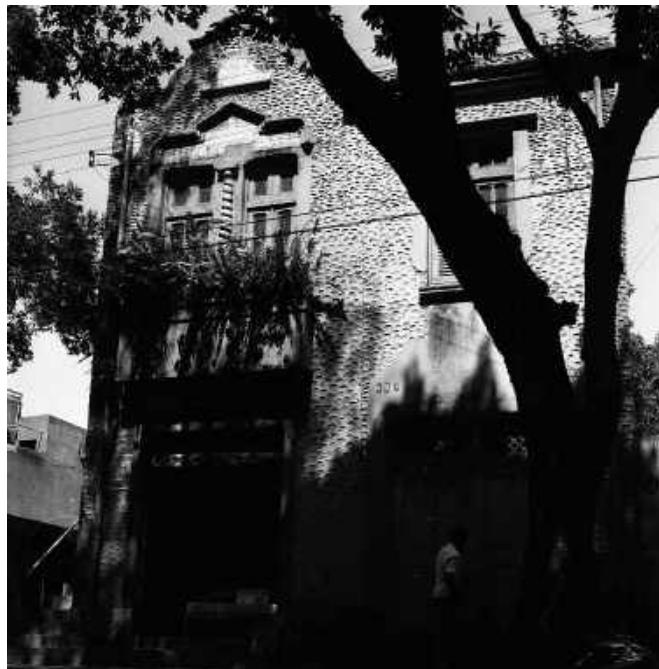
Código de acesso:  
ECL\_040\_000396

Casa Neocolonial, já demolida,  
localizada na Avenida João de  
Barros, nº 96, Santo Amaro  
Rucker Vieira, novembro  
de 1985



Código de acesso:  
ECL\_095\_000940  
Casa Neocolonial localizada na  
Rua Doutor Silva Ferreira, nº 164,  
Santo Amaro  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_106\_001052  
Sobrado, possivelmente datado  
do século XIX e reformado  
posteriormente no Estilo Missões,  
localizado na Avenida Manoel  
Borba, nº 487, Boa Vista  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_125\_001235  
Casa em Estilo Missões, hoje  
ocupada pelo Consulado dos  
Estados Unidos, localizada na  
Rua Gonçalves Maia, nº 163,  
Boa Vista  
Eliane Velozo, abril de 1987







## A VÁRZEA DO BEBERIBE

Localizada na parte mais ao norte do Recife, na região fronteiriça à cidade de Olinda, a Várzea do Beberibe foi ocupada já nos princípios da colonização, sendo, no século XVII, uma área de exploração de madeira para o fabrico de carvão vegetal. Esta produção era embarcada em balsas, num pequeno porto fluvial, e descia o rio em direção ao porto principal, dando a origem do nome do atual bairro do Porto da Madeira. Essa foi a principal forma de comunicação dessa área com a região central da cidade até princípios do século XIX, quando foi aberta a Estrada do Beberibe, atual Avenida, que conectou a região ao largo da Encruzilhada. Esse é um caminho que corta diversas áreas de ocupação tradicional da cidade, como o Arruda, que apesar de deter construções com características ainda do período colonial e do século XIX, teve o seu surto de desenvolvimento no início do século XX com a chegada das Maxambombas. O novo meio de transporte impulsionou o crescimento da área, na antiga Estrada Nova, hoje chamada de Estrada Velha de Água Fria, e nas proximidades do atual estádio do Santa Cruz Futebol Clube.

Código de acesso:  
ECL\_013\_000121

Casa térrea, localizada na Rua Ramiz Galvão, n.º 108, Arruda, com elementos, como o beiral de telhas, que remetem ao fim do período colonial  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_015\_000141  
Casa neoclássica, hoje demolida,  
localizada na Avenida Beberibe,  
n.º 2495, Fundão  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_016\_000155:  
Edifício comercial de gosto  
neoclássico, já demolido, datado  
de 1914, localizado na Avenida  
Beberibe, n.º 1399, Arruda  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_072\_000711  
Casa neoclássica localizada na  
Rua Zeferino Agra, n.º 661,  
Água Fria, com uma grega na  
platibanda. Esse tipo desenho,  
hoje, bastante raro, é encontrado  
também no edifício do Ginásio  
Pernambucano, projetado pelo  
engenheiro José Mamede Alves  
Ferreira, em 1855  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Apesar de ser uma região ocupada ainda durante o período colonial, o grosso das construções identificadas ao longo da Estrada do Beberibe são datadas do final do século XIX e princípio do XX. Tais edificações, em sua maioria com filiações às estéticas Eclética e Romântica, apresentam diversos padrões, sejam construídas nos limites dos lotes, sejam recuadas, contando ainda com uma diversidade de elementos historicistas na sua ornamentação.

Código de acesso:  
ECL 014 000139

Casa eclética localizada na  
Avenida Beberibe, n.º 2370,  
Água Fria. A construção ao  
lado, de n.º 2360,  
é exatamente igual.  
Severino Ribeiro,  
abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_013\_000122  
Casa eclética localizada  
na Rua Ramiz Galvão,  
n.º 185, Arruda  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_017\_000161  
Casa eclética localizada na  
Avenida Beberibe, n.º 1651,  
Água Fria  
Severino Ribeiro, abril de 1985





Código de acesso:  
ECL\_015\_000142  
Casa térrea eclética, construída  
sem recuos, com elementos  
Neogóticos localizada na Avenida  
Beberibe, n.º 2672, Fundão  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_016\_000152  
Casa térrea eclética, construída  
sem recuos, com elementos  
Neogóticos localizada na Avenida  
Beberibe, n.º 1315, Arruda  
Severino Ribeiro, abril de 1985

As edificações localizadas na Várzea do Beberibe, em muitas poucas situações foram valorizadas pelos seus atributos arquitetônicos sendo alvo de políticas de preservação. Tal atitude, ao longo dos últimos anos, acarretou a destruição ou a perda de elementos característicos de um acervo arquitetônico representativo do processo de ocupação e crescimento dessa parcela da cidade do Recife.

Código de acesso:  
ECL\_012\_000118  
Conjunto de edifícios comerciais,  
hoje já bastante descaracterizado,  
localizado na Avenida Beberibe,  
Arruda, na esquina com a Rua  
José Austregésilo  
Severino Ribeiro, abril de 1985





Código de acesso:  
ECL\_012\_000119  
Casa eclética, já demolida,  
localizada na Rua Ramiz Galvão,  
n.º 51, Arruda  
Severino Ribeiro., abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_016\_000158  
Edifício comercial eclético, já  
demolido, localizado na Avenida  
Beberibe, n.º 1733, Água Fria  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_071\_000703  
Casa eclética, já demolida,  
localizada na Rua José  
Austregésilo, n.º 119, Arruda  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_015\_000148  
Casa eclética, já demolida,  
localizada Avenida Beberibe, n.º  
3750, Porto da Madeira  
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_018\_000171  
Casa eclética, já demolida,  
localizada na Rua do Machado,  
n.º 861, Arruda  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Como uma região já consolidada no início do século, na Várzea do Beberibe foram identificados durante a pesquisa uma grande quantidade de Chalés Românticos, sejam de composição mais erudita ou popular, inclusive um raro exemplar com dois pavimentos e uma volumetria cilíndrica de secção poligonal. Hoje quase todas essas edificações se encontram demolidas.

Código de acesso:  
ECL\_041\_000399:  
Única edificação Neocolonial  
identificada pela pesquisa  
na área da antiga Estrada do  
Beberibe, esta casa, já demolida,  
localizava-se na Avenida  
Beberibe, n.º 1285, Arruda  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_015\_000146:  
Villa Felicitas, Chalé, datado  
de 1912, localizado na Avenida  
Beberibe, n.º 3586,  
Porto da Madeira  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_015\_000150  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Avenida Beberibe, n.º 4172,  
Beberibe  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_012\_000120  
Chalé localizado na Rua Ramiz  
Galvão, n.º 115, Arruda.  
Severino Ribeiro, abril de 1985.



Código de acesso:  
ECL\_072\_000706  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Rua Zeferino Agra n.º 488,  
Arruda.  
Edja Trigueiro, junho de 1986.

Código de acesso:  
ECL\_072\_000710  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Rua Intendência,  
n.º 77, Arruda  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:

ECL\_073\_000721

Raro exemplar de Chalé, hoje demolido, com dois pavimentos e uma volumetria cilíndrica de secção poligonal localizado na Avenida Beberibe, n.º 4131, Beberibe

Edja Trigueiro, junho de 1986



Da Várzea do Beberibe ainda faz parte uma outra região que se desenvolveu a partir de um antigo caminho na direção de Olinda, ao longo da Estrada de Belém. Tal caminho se iniciava no Largo da Encruzilhada, que recebeu esse nome em razão do cruzamento das linhas férreas em direção a Olinda e ao Beberibe, e dele fazem parte os atuais bairros da Encruzilhada, Hipódromo e Campo Grande.



Código de acesso:  
ECL\_018\_000172

Casas ecléticas com traços neoclássicos localizadas na Estrada de Belém, n.º 129 e 139, Encruzilhada Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_020\_000198

Casa eclética localizada na Estrada de Belém, n.º 1524, Campo Grande Rucker Vieira, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_020\_000192

Casas térreas de gosto neoclássico, hoje demolidas, localizadas na Estrada de Belém, n.º 731 e 735, Hipódromo Rucker Vieira, abril de 1985

Código de Acesso:  
ECL\_073\_000714

Casa eclética, hoje demolida, localizada na Estrada de Belém, n.º 444, Encruzilhada Edja Trigueiro, junho de 1986

O encontro da Estrada de Belém com a Rua Vicente Pinzón, na Encruzilhada, à época da pesquisa, mantinha preservado um conjunto interessante de casas ecléticas e um chalé, esse de feição mais popular. Tal conjunto de edificações, possivelmente datado da virada do século XIX para o XX, hoje, se encontra bastante modificado e poucas dessas edificações se mantêm preservadas.



Código de acesso:  
ECL\_073\_000717  
Conjunto de casas ecléticas  
localizado na Estrada de  
Belém, n.ºs 682, 680 e 672,  
Encruzilhada  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_036\_000349  
Casas térreas ecléticas  
localizadas na Rua Vicente  
Pinzón, n.ºs 53, 61 e 65,  
Encruzilhada  
Rucker Vieira junho de 1985



Código de acesso:  
ECL\_036\_000350  
Casas térreas ecléticas  
localizadas na Rua Vicente  
Pinzón, n.ºs 41 e 51,  
Encruzilhada  
Rucker Vieira, junho de 1985



Código de acesso:  
ECL\_019\_000188  
Casa eclética localizada na  
Estrada de Belém, n.º 672,  
na esquina com Ruas Vicente  
Pizón, Encruzilhada  
Rucker Vieira, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_019\_000187  
Chalé localizado na Estrada de Belém, n.º 658, Encruzilhada Rucker Vieira, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_043\_000423  
Chalé localizado na Rua Marechal Deodoro, n.º 252, Encruzilhada Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_018\_000178  
Chalé, hoje demolido, localizado na Estrada de Belém, n.º 345, Hipódromo Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_020\_000193  
Chalé localizado na Estrada de Belém, n.º 995, Campo Grande Rucker Vieira., abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_019\_000184

Casa Neocolonial localizada  
na Estrada de Belém, n.º 436,  
Encruzilhada  
Rucker Vieira, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_082\_000812  
Casa Neocolonial, hoje demolida,  
localizada na Rua Caio Pereira,  
n.º 365, Encruzilhada  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_083\_000815

Palacete no Estilo Missões  
localizado na Rua Doutor José  
Maria, n.º 453, Encruzilhada  
Edja Trigueiro, junho de 1986



## A VÁRZEA DO CAPIBARIBE

Localizada ao longo do principal rio que corta a capital pernambucana, a Várzea do Capibaribe foi a maior região documentada na pesquisa. Embora tenhamos dividido essa região em duas áreas, margens direita e esquerda do rio, optamos por não fazer essa distinção ao apresentar as imagens desse trecho da cidade.

Essa é uma área do Recife, assim como as outras, que tem sua ocupação fixada ainda nos primeiros séculos de ocupação do Brasil, no entanto se difere das demais por ter sido mais intensamente ocupada, apresentando uma grande quantidade de engenhos ao longo das margens do rio Capibaribe. Alguns desses engenhos ainda se mantêm preservados com diversas edificações, tais como casas-grandes e capelas, reformadas ao longo dos séculos para incorporar novos elementos. Assim como esses remanescentes de engenhos, essa é a região pesquisada que mais apresenta edificações construídas ainda no período colonial, que não sofreram, ou pouco sofreram, alterações ao longo dos séculos XIX e XX. São localizadas, majoritariamente, no bairro do Poço da Panela e nos seus arredores.

Código de acesso:  
ECL\_098\_000966

Casas térreas, localizadas na Rua Luiz Guimarães, nº 111 e 123, Poço da Panela, com elementos ornamentais que remetem ao fim do período colonial  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_098\_000967  
Conjunto de casas térreas,  
localizadas na Rua Luiz  
Guimarães, Poço da Panela,  
com elementos ornamentais que  
remetem ao fim do período colonial  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_116\_001151  
Conjunto de casas térreas,  
localizadas na Rua Ilha do  
Temporal, Monteiro, com elementos  
ornamentais que remetem ao fim  
do período colonial  
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:  
ECL\_053\_000523  
Sobrado, possivelmente, datado do  
fim do período colonial, localizado  
na Estrada Real do Poço, nº 568,  
Poço da Panela, ao qual foram  
acrescidos elementos ornamentais  
ao longo do século XIX  
Edja Trigueiro, abril de 1986





Código de acesso:  
ECL\_122\_001212

Conjunto de casas térreas,  
localizadas na Rua Apipucos,  
datado do período colonial, onde  
algumas edificações incorporaram  
novos elementos ornamentais ao  
longo dos séculos XIX e XX  
Eliane Velozo, abril de 1987

A Várzea do Capibaribe é aquela onde encontramos o maior número de edificações rurais e remanescentes de engenhos preservados na cidade do Recife. A maior parte dessas construções, no entanto, sofreu modificações ao longo do tempo, sendo a elas incorporados elementos ornamentais, em sua maioria, neoclássicos e ecléticos.



Código de acesso:  
ECL\_119\_001174  
Casarão do Cordeiro, edificação  
rural, possivelmente, datada do  
século 18 e localizada na Rua  
Odete Monteiro, 450, Cordeiro  
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:  
ECL\_119\_001180  
Casa Grande do Engenho  
Cordeiro, localizada na Avenida  
Maurício de Nassau, sem  
número, Cordeiro  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_122\_001204  
Casarão do Barbalho, edificação  
rural localizada na Estrada do  
Barbalho, sem número, Iputinga,  
com elementos que já remetem a  
uma estética neoclássica  
Eliane Velozo, abril de 1987



O Sobrado Grande da Madalena é a antiga casa-grande do Engenho Madalena, reformada no século XIX, quando foram incorporados elementos de gosto neoclássico e sua fachada foi inteiramente revestida por azulejos de origem portuguesa.



Código de acesso:  
ECL\_081\_000801  
Sobrado Grande da Madalena,  
localizado na Rua Benfica,  
nº 1150, Madalena  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_079\_000777  
Antiga casa-grande do Engenho  
da Torre, datado do século XVI,  
localizada na Praça Professor  
Barreto Campelo, sem número,  
Torre, após a reforma que agregou  
elementos neoclássicos e ecléticos  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de Acesso:  
ECL\_060\_000588  
Sítio da Cruz, localizado na Avenida  
Rui Barbosa, nº 36, Graças  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Um dos exemplares mais significativos da arquitetura neoclássica pernambucana, o Solar que pertenceu a família Tavares da Silva, também conhecido como Sítio da Cruz, é, possivelmente, a primeira construção residencial do estado de gosto neoclássico, antecedendo, talvez até mesmo, o próprio Teatro de Santa Isabel. A composição do solar é bastante simples, porém elegante, sendo o pórtico acrescido a sua fachada central muito semelhante ao do antigo Real Teatro de São João, no Rio de Janeiro, construção dos anos 1810 que possivelmente inspirou o projetista dessa residência. A edificação, que antes dominava

a paisagem ao seu redor, estando isolado em uma grande propriedade arborizada, figura numa gravura, datada de 1852, de autoria de Emil Bauch, chamada “Ponte do Manguinho”. Praticamente não sofreu alterações ao longo do tempo, tendo recebido, apenas, um pequeno frontão triangular em sua fachada principal. Pela sua importância, a edificação chegou a ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, porém, por questões políticas, foi des tombada pouco depois. Hoje ela se encontra legalmente protegida pela Prefeitura do Recife.





Código de acesso:  
ECL\_006\_000053  
Palacete neoclassico localizado  
na Avenida 17 de Agosto, nº  
1893, Poço da Panela  
Edja Trigueiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_008\_000080  
Residência de gosto neoclassico,  
hoje demolida, localizada na  
Avenida 17 de Agosto,  
nº 2388, Monteiro  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_003\_000021  
Residência de gosto neoclassico  
localizada na Avenida 17 de  
Agosto, nº 2513, Monteiro  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_026\_000255  
Residência, localizada na Rua da  
Hora, nº 383, Espinheiro, onde  
podemos perceber elementos  
típicos do gosto neoclassico que  
se popularizou em Pernambuco,  
como o frontão triangular,  
acrotérios e esculturas de louça  
coroando a edificação  
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_098\_000970  
Residência neoclássica,  
localizada na Rua Carlos Gomes,  
nº 354, Prado  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_004\_000036  
Residência neoclássica,  
localizada na Rua São Francisco  
de Paula, nº 103, Caxangá  
Edja Trigueiro, março de 1985





Código de acesso:  
ECL\_081\_000802  
Solar neoclássico, antiga  
residência do colecionador  
de antiguidades Braz Ribeiro,  
localizado na Rua Benfica, nº  
810, Madalena  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_120\_001189  
Fachada voltada para o Rio  
Capibaribe do Solar dos  
Amorim, posteriormente  
ocupado pela Escola de Belas  
Artes de Pernambuco, palacete  
neoclássico localizado na Rua  
Benfica, nº 150, Madalena  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_065\_000639  
Palacete localizado na Rua  
Benfica, nº 251, Madalena  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_025\_000243  
Solar do Barão Rodrigues  
Mendes, atual Academia  
Pernambucana de Letras, na  
Avenida Rui Barbosa,  
nº 1596, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985

O Palacete localizado na Rua Benfica, nº 251, no bairro da Madalena, que outrora teve moradores conhecidos como o pintor Lula Cardoso Ayres e a família Von Sohsten, é, sem sombra de dúvida, um dos melhores exemplares da arquitetura neoclássica brasileira. Construído na década de 1860, o edifício, de autoria não identificada, possui diversos acabamentos nobres, como mármores e jarrões encimando a platibanda, além de balcões e gradis em ferro fundido, assim como a fachada voltada para a rua revestida por azulejos portugueses de influência holandesa com um fundo amarelo, assentados na diagonal, sendo a única edificação no estado com essa característica.

Outra residência azulejada que também se destaca na paisagem recifense é o Solar do Barão Rodrigues Mendes, atualmente ocupado pela Academia Pernambucana de Letras. A edificação, de volumetria mais trabalhada que seus pares contemporâneos, é, possivelmente, datada dos anos 1870, e está revestida por azulejos portugueses de vários padrões, sendo considerada um dos melhores exemplares arquitetônicos da arquitetura neoclássica brasileira.





Código de acesso:  
ECL\_098\_000969

Casa de gosto neoclássico,  
construída em 1849, localizada  
na Rua Jorge de Albuquerque,  
nº 143, Poço da Panela, revestida  
por azulejos franceses não  
encontrados em nenhuma outra  
edificação do estado  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_001\_000010

Casa de gosto neoclássico,  
localizada na Rua Apipucos,  
nº 117, Monteiro, revestida por  
azulejos em relevo de  
origem portuguesa  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_061\_000600

Casa de gosto neoclássico, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Joaquim Nabuco, nº 488, Graças,  
revestidas por  
azulejos portugueses  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_103\_001014  
Casa de gosto neoclássico, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Coronel Pacheco, nº 105, Várzea,  
revestida por azulejos franceses  
não encontrados em nenhuma  
outra edificação do estado  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_137\_001353  
Sobrado de gosto neoclássico  
revestido por azulejos  
portugueses, localizado na  
Avenida Portugal, sem número,  
Paissandu, nas dependências  
do Real Hospital Português de  
Beneficência em Pernambuco  
Eliane Velozo, junho de 1987

Código de acesso:  
ECL\_034\_000336  
Sobrado de gosto neoclássico,  
hoje demolido, localizado na Rua  
Real da Torre, nº 701, Madalena  
Rucker Vieira, maio de 1985





Código de acesso:  
ECL\_080\_000785

Sobrado de gosto neoclássico,  
com elementos neogóticos, hoje  
demolido, localizado na Avenida  
Beira Rio, nº 875, Madalena  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_102\_001011

Residência de gosto neoclássico,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Paissandu, nº 767, Paissandu  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_005\_000044

Residência de gosto neoclássico,  
localizada na Avenida Afonso  
Olindense, nº 606, Várzea  
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:  
ECL\_001\_000009  
Residência de gosto neoclássico,  
localizada na Rua Apipucos,  
nº 568, Monteiro  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_097\_000962  
Residência de gosto neoclássico  
localizada na Estrada Real do  
Poço, nº 569, Poço da Panela  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_007\_000070  
Residência de gosto neoclássico  
localizada na Avenida 17 de  
Agosto, nº 1545, Poço da Panela  
Edja Trigueiro, abril de 1985





Código de acesso:  
ECL\_051\_000499  
Residência de gosto neoclássico  
localizada na Rua da Amizade,  
nº 131, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_104\_001032  
Residência de gosto neoclássico,  
hoje demolida, localizada na  
Avenida Nossa Senhora da  
Saúde, nº 12, Cordeiro  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_113\_001123  
Casa de gosto neoclássico, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Samuel Falcão, nº 47, Madalena  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_099\_000976  
Casa de gosto neoclássico,  
localizada na Estrada dos  
Remédios, nº 1841,  
Ilha do Retiro  
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_086\_000851  
Casa térrea de gosto neoclássico  
localizada na Rua do Espinheiro,  
nº 468, na esquina com a Rua  
Santo Elias, Espinheiro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



A pequena casa térrea de gosto neoclássico localizada na esquina das ruas do Espinheiro e Santo Elias, no bairro do Espinheiro, passaria desapercebida se, na base do seu cunhal, não tivesse um pequeno dístico em metal, implantado no século XIX, para registrar a altitude, em relação ao mar, da região do Espinheiro que, no caso, é de 6 metros.

Esses marcos, que indicam o “Nivelamento da Província – acima do nível do mar”, são encontrados em outras edificações da cidade e foram fruto do Levantamento Altimétrico do Recife, realizado pelo engenheiro Victor Fournié, entre os anos de 1874 e 1875.

Código de acesso:  
ECL\_118\_001173  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico localizadas na Rua  
Visconde de Ouro Preto, nº 145,  
153 e 155, Casa Forte  
Edja Trigueiro, setembro de 1986





Código de acesso:  
ECL\_042\_000416

Conjunto de casas de gosto neoclássico, hoje demolidas, localizadas na Avenida Norte, nº 2151 e 2157, Espinheiro Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_064\_000633

Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Rua Joaquim Nabuco, nº 690 e 708, Graças Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_117\_001157

Conjunto de casas de gosto neoclássico localizadas na Avenida 17 de Agosto, entre os números 1766 e 1790, Casa Forte Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:  
ECL\_118\_001165  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico e eclético localizadas  
na Avenida 17 de Agosto, entre  
os números 1469 e 1495,  
Poço da Panela  
Edja Trigueiro, setembro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_118\_001171  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico localizadas na Praça  
de Casa Forte, entre os números  
334 e 306, Casa Forte  
Edja Trigueiro, setembro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_117\_001156  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico localizadas na  
Avenida 17 de Agosto, entre os  
nímeros 1706 e 1740, Casa Forte  
Edja Trigueiro, setembro de 1986

Código de acesso:  
ECL\_131\_001302  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico localizadas na Rua  
das Creoulas, nº 294, 292  
e 268, Graças  
Eliane Velozo, junho de 1987



Código de acesso:  
ECL\_061\_000596  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico, hoje demolido,  
localizado na Rua Joaquim  
Nabuco, entre os números 305  
e 325, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_121\_001196  
Conjunto de casas de gosto  
neoclássico, localizado na Rua  
Benfica, entre os números 1120  
e 1134, Madalena  
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:  
ECL\_006\_000057  
Residência de gosto neoclássico,  
acrescida de alguns ornamentos  
ecléticos, localizada na Praça de  
Casa de Forte, nº 317, Casa Forte  
Edja Trigueiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_104\_001030  
Residência de gosto neoclássico,  
com acréscimos ecléticos,  
localizada na Avenida Caxangá,  
nº 3595, Iputinga  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_097\_000961  
Sítio Donino, casa neoclássica  
que, posteriormente, recebeu  
uma ornamentação eclética  
localizada na Rua Joaquim  
Xavier de Andrade, nº 136,  
Poço da Panela, conhecida pela  
realização de festas juninas  
tradicionais, além de outros  
eventos culturais  
Edja Trigueiro, julho de 1986



O Solar que hoje é a sede da Fundação Joaquim Nabuco foi construído, entre 1874 e 1877, pelo comerciante de açúcar Francisco Ribeiro Pinto Guimarães e mescla diversos elementos de influências neoclássica e eclética. Composta por quatro blocos isolados, a antiga residência de Francisco Ribeiro tem uma implantação bastante singular em relação às outras construções dos arrabaldes recifenses daquele período, estando distribuída em diversos blocos, alguns revestidos por uma diversidade de padrões de azulejos portugueses, localizados nas extremidades do lote, conformando um pátio central, elemento não encontrado em nenhuma outra edificação pernambucana do período.

Código de acesso:  
ECL\_008\_000076 e  
ECL\_008\_000078

Sede da Fundação Joaquim Nabuco, localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 2187, Poço da Panela  
Severino Ribeiro, abril de 1985



A imponente mansão edificada, em 1847, pelo comerciante inglês Henry Gibson na Ponte D'Uchôa foi uma das primeiras construções a mesclar elementos historicistas em Pernambuco. Foi considerada, pela imprensa da época, como uma “construção de mau gosto” (Diário de Pernambuco de 12 de novembro de 1855). Os comentários se devem, em parte, ao fato de o edifício ser a primeira residência no estado a se utilizar de uma ornamentação com influências neomanuelinas e neogóticas, esta última, ainda muito ligada às construções religiosas.



Código de acesso:  
ECL\_025\_000245  
Mansão Henry Gibson,  
posteriormente ocupada  
pela família Batista da Silva,  
localizada na Avenida Rui  
Barbosa, nº 1229, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_059\_000582  
Casa eclética, com elementos  
neogóticos, localizada na Rua das  
Graças, nº 254, Graças  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_010\_000097  
Casa eclética, hoje demolida,  
com elementos neogóticos,  
localizada na Rua da Harmonia,  
nº 663, Casa Amarela  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_035\_000345  
Palacete eclético, com elementos  
neogóticos, localizado na Rua  
Benfica, nº 1059, Madalena  
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_065\_000638  
Palacete neoárabe localizado  
Rua Benfica, nº 286, Madalena  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Para além do Neoclássico, entre os Revivalismos popularizados ao longo do século XIX e no início do XX, em Pernambuco, o Neogótico, sem sombra de dúvidas, foi o mais popular, no entanto, por vezes encontramos alguns elementos ligados a outros estilos nas construções do período. É o caso do palacete localizado na Rua Benfica, nº 286, na Madalena, onde funcionou a Pensão Landy, importante lugar de encontro de políticos e empresários, nas primeiras décadas do século passado, de

propriedade da alemã Alma Von Landy. Também conhecida como Sobrado Saraceno, a edificação possui detalhes como arcos em feradura, típicos da arquitetura mourisca e uma torre central encimada por ameias, que lembra os alcáceres da dominação árabe na Península Ibérica. Além disso, percebemos ainda a presença, em seus acrotérios, do Crescente, elemento símbolo do Império Otomano, que comumente coroa minaretes de mesquitas, fazendo da edificação o único exemplar Neoárabe existente em Pernambuco.



Código de acesso:  
ECL\_004\_000038  
Palacete eclético localizado na  
Rua São Francisco de Paula  
nº 219, Caxangá  
Edja Trigueiro, março de 1985





Código de acesso:  
ECL\_049\_000481  
Palacete eclético, hoje demolido,  
localizado na Rua das Creoulas,  
nº 120, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_029\_000285  
Palacete eclético, hoje demolido,  
localizado na Avenida 17 de  
Agosto, nº 257, Parnamirim  
Severino Ribeiro, maio de 1985

A atual sede da Cúria Metropolitana, também conhecida como Palácio de Manguinhos, foi a antiga residência do comerciante José da Silva Loyo, o Visconde de Loyo. Construída ainda no século XIX, a edificação aparece em uma gravura de F. H. Carls presente no *Álbum de Pernambuco e Seus Arrabaldes*, datado de 1878, com um traçado mais neoclássico. Os pórticos, assim como a ornamentação eclética que, atualmente, podemos observar no palácio foram fruto de uma reforma ocorrida no início do século 20, após a edificação ser adquirida pela Arquidiocese de Olinda e Recife, que instalou aí a sua sede, inserindo, também, o seu símbolo heráldico no frontão da fachada.



Código de acesso:  
ECL\_006\_000051  
Palacete eclético, localizado na  
Avenida 17 de Agosto, nº 1872,  
Casa Forte, com destaque para  
o imponente portão de entrada,  
comum nos sítios suburbanos  
recifenses no século 19 do qual  
restaram poucos exemplares  
Edja Trigueiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_027\_000263  
Palácio de Manguinhos,  
localizado na Avenida  
Rui Barbosa, nº 409, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_023\_000220  
Palacete eclético, localizado na  
Rua Santos Dumont, nº 657,  
Rosarinho  
Rucker Vieira, novembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_006\_000055  
Palacete eclético, localizado na  
Praça de Casa de Forte, nº 445,  
Casa Forte  
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_006\_000058  
Residência eclética, localizada  
na Praça de Casa de Forte,  
nº 354, Casa Forte  
Edja Trigueiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_031\_000302  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua da  
Hora, nº 947, Espinheiro  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_032\_000317  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na  
Rua Confederação  
do Equador, nº 45, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_029\_000284  
Palacete eclético, com torreão  
remetendo à arquitetura  
pitoresca, hoje demolido,  
localizado na Avenida 17 de  
Agosto, nº 713, Santana  
Severino Ribeiro, maio de 1985

A Avenida Conselheiro Rosa e Silva, que já se chamou Estrada dos Aflitos, é uma importante via da região norte da cidade do Recife, com registos de ocupação ainda no século XVIII, onde encontramos uma pequena capela, construída em 1762, consagrada à Nossa Senhora dos Aflitos. Essa via foi depositária de um acervo arquitetônico bastante significativo, vinculado à Arquitetura Eclética praticada em Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, acervo este, em grande parte já destruído e do qual restam poucas edificações.



Código de acesso:  
ECL\_031\_000308

Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 167,  
Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_033\_000321

Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 516,  
Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_033\_000322  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva, nº 574,  
Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_025\_000248  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva,  
nº 650, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



O palacete construído no encontro da Rua Amélia com a Avenida Conselheiro Rosa e Silva, no local onde outrora existiu o sobrado em que nasceu o sociólogo Gilberto Freyre, é, sem sombra de dúvidas, um dos principais exemplares arquitetônicos filiados à arquitetura eclética produzida em Pernambuco. Residência de Antônio Ferreira da Costa Azevedo, proprietário da Usina Catende, o palacete, que possui uma área de 1.215 metros quadrados, foi projetado pelo arquiteto greco-italiano Giácomo Palumbo e inaugurado em 1934. A edificação possui uma planta assimétrica e uma volumetria movimentada distribuída, em volta de um torreão central, por dois pavimentos, sendo o terceiro ocupado apenas por um mirante. Além disso, a residência possui uma profusão de bens artísticos integrados à construção, como pinturas parietais, forros em estuque, um elevador de ferro fundido além de lustres em cristal, um grande vitral na escada principal, de autoria do artista alemão, radicado em Pernambuco, Heinrich Moser.

Código de acesso:  
ECL\_033\_000324 e  
ECL\_033\_000325

Palacete eclético, antiga residência de Antônio Ferreira da Costa Azevedo, localizado na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 707, Graças Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_033\_000328  
Palacete eclético, hoje  
demolido, localizado na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva,  
nº 750, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_086\_000853  
Palacete eclético localizado na  
Avenida Conselheiro Rosa e  
Silva, nº 810, Graças  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Não se sabe ao certo a data de construção do palacete eclético, localizado na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, nº 810, projetado pelo arquiteto carioca, Armando de Oliveira, no entanto, a edificação está reproduzida na edição de número 6 da revista *Architectura do Brasil*, datada de março de 1922. Famoso pelo projeto de pavilhões na Exposição do Centenário, ocorrida em 1922 na Capital Federal, neste exemplar, Oliveira projetou uma residência de planta recortada, com destaque para uma imponente entrada remetendo a um templo grego, ao mesmo tempo em que se utiliza de uma série de outros elementos revivalistas. O interior da edificação ainda preserva diversos lustres de ferro e cristal, além de painéis de azulejos, pisos em madeira, forros em estuque, além de um grande vitral na escada de acesso ao primeiro pavimento.





Código de acesso:  
ECL\_087\_000854  
Palacete eclético, hoje  
demolido, localizado na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva, nº 891,  
Graças  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_087\_000855  
Palacete eclético, anterior a  
1925, localizado na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva, nº 950,  
Aflitos  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_087\_000858  
Residência eclética, hoje  
demolido, localizada na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva,  
nº 1336, Aflitos  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_048\_000478  
Palacete eclético localizado na  
Rua Joaquim Nabuco, nº 240,  
Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985

Código de acesso:  
ECL\_059\_000581  
Residência eclética localizada na  
Rua da Amizade, nº 54, Graças  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_060\_000592  
Casas ecléticas geminadas, hoje  
demolidas, localizadas na Rua  
das Creoulas, nº 167 e 179,  
Graças  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_062\_000608  
Residência eclética localizada na  
Praça do Derby, nº 115, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_062\_000611  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Praça do  
Derby, nº 177, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_065\_000636  
Palacete eclético, com destaque  
para a cúpula central, localizado  
na Rua Benfica, nº 352,  
Madalena  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_009\_000081  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Estrada  
do Encanamento, nº 1163,  
Casa Forte  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_066\_000646  
Palacete eclético localizado  
na Avenida Portugal, nº 89,  
Paissandu  
Edja Trigueiro, maio de 1986





Código de acesso:  
ECL\_066\_000647  
Palacete eclético, hoje demolido,  
localizado na avenida Portugal,  
nº 124, Paissandu  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_066\_000651  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Paissandu, nº 564, Paissandu  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de acesso:  
ECL\_104\_001025,  
ECL\_104\_001027  
Palacete do Coronel Camilo  
Pereira Carneiro, hoje demolido,  
localizado na Avenida Caxangá,  
nº 5666, Caxangá  
Edja Trigueiro, julho de 1986  
(as fotos da demolição não têm  
data nem autor identificado)

Código de acesso:  
ECL\_AMP\_001392  
Demolição do Palacete do  
Coronel Camilo Pereira Carneiro,  
localizado na Avenida Caxangá,  
nº 5666, Caxangá  
Autor não identificado, sem data



Código de acesso:  
ECL\_021\_000207  
Imóveis comerciais,  
possivelmente datados do  
século XIX, que receberam uma  
ornamentação de gosto eclético  
nas primeiras décadas do século  
XX, localizados na Rua Azeredo  
Coutinho, nº 169 e 175, Várzea  
Rucker Vieira, novembro de 1985

Código de acesso:  
ECL\_061\_000598  
Imóvel comercial, hoje demolido,  
possivelmente datado do  
século XIX que recebeu uma  
ornamentação de gosto eclético  
nas primeiras décadas do século  
XX, localizado na Rua Joaquim  
Nabuco, nº 353, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986





Código de acesso:  
ECL\_055\_000536  
Residência eclética localizada na  
Rua do Chacon, nº 248,  
Pogo da Panela  
Edja Trigueiro, abril de 1986



Código de acesso:  
ECL\_036\_000356  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua do  
Espinheiro, nº 664, Espinheiro  
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:  
ECL\_037\_000360  
Residências ecléticas, hoje  
demolidas, localizadas na Rua  
do Espinheiro, nº 756 e 730,  
Espinheiro  
Rucker Vieira, junho de 1985



Código de acesso:  
ECL\_038\_000377  
Residência eclética localizada na  
Rua Barão de Itamaracá, nº 21,  
Espinheiro  
Rucker Vieira, junho de 1985

Código de acesso:  
ECL\_129\_001277  
Conjunto de edificações  
ecléticas, hoje demolidas,  
localizadas na Rua Marquês  
do Paraná, nº 185, 179 e 173,  
Espinheiro  
Edja Trigueiro, abril de 1987





Código de acesso:  
ECL\_048\_000472  
Residências ecléticas localizadas  
na Rua Cardeal Arcoverde,  
nº 191 e 175, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_048\_000473  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Cardeal Arcoverde, nº 184,  
Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_060\_000586  
Residência eclética, anterior  
a 1922, localizada na Rua das  
Graças, nº 326, Graças  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_085\_000834  
Residência eclética localizada na  
Rua João Ramos, nº 252, Graças  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_007\_000063  
Residência eclética localizada  
na Praça de Casa de Forte,  
nº 454, Casa Forte, onde residiu  
o político Oswaldo Lima  
Edja Trigueiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_010\_000093  
Residência eclética localizada  
na Rua da Harmonia, nº 569,  
Casa Amarela  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_128\_001271  
Residência eclética localizada  
na Estrada do Arraial, nº 3345,  
Casa Amarela  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_002\_000018  
Residências ecléticas localizada  
na Estrada do Arraial,  
nº 3734 e 3758, Casa Amarela  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_002\_000017  
Residência eclética localizada  
na Estrada do Arraial, nº 3764,  
Casa Amarela  
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:  
ECL\_025\_000240  
Residência eclética localizada  
na Avenida Parnamirim, nº 417,  
Parnamirim  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_079\_000783  
Residências ecléticas, hoje  
demolidas, localizadas na Rua  
Pio IX, nº 316 e 318, Torre  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_079\_000781  
Residências ecléticas, hoje  
demolidas, localizadas na Rua  
Pio IX, nº 237, 245 e 251, Torre  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_098\_000973  
Residências ecléticas,  
hoje demolidas, localizadas  
na Rua Carlos Gomes,  
nº 730 e 736, Prado  
Edja Trigueiro, julho de 1986

O gosto historicista na arquitetura pernambucana, ao longo da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, se popularizou não apenas nas construções mais elaboradas, pertencentes a uma aristocracia açucareira ou à burguesia em ascensão naquele período. Ornamentos de cunho historicistas são, também, comumente encontrados nas edificações mais simples, vernaculares, demonstrando que a popularização desses elementos ornamentais atingiu todas as camadas sociais.

Código de acesso:  
ECL\_128\_001273  
Casas vernaculares com leve  
ornamentação eclética, hoje  
demolidas, localizadas na Praça  
do Trabalho, entre os números 46  
e 66, Casa Amarela  
Edja Trigueiro, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_028\_000274  
Casas vernaculares com leve  
ornamentação eclética, hoje  
demolidas, localizadas na  
Avenida Norte, nº 4742 e 4738,  
Alto José do Pinho  
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_028\_000275  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Avenida Norte, nº 5218,  
Morro da Conceição  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_042\_000412  
Chalés, hoje demolidos,  
localizados na Avenida Norte,  
nº 1907 e 1915, Espinheiro  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Os Chalés Românticos são uma tipologia bastante comum, encontrada em praticamente todas as regiões pesquisadas ao longo das margens do Rio Capibaribe, desde o bairro do Painsandu até a Várzea.



Código de acesso:  
ECL\_005\_000049  
Chalés, hoje demolidos,  
localizados na Avenida Afonso  
Olindense, nº 1582 e 1584,  
Várzea  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_005\_000042  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Avenida Afonso Olindense,  
nº 541, Várzea  
Edja Trigueiro, março de 1985

Código de acesso:  
ECL\_103\_001015  
Portão de acesso a um chalé,  
hoje demolido, localizado na Rua  
Coronel Pacheco, nº 73, Várzea  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_004\_000034  
Chalé localizado na  
Rua São Francisco de Paula,  
nº 403, Caxangá  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_104\_001024  
Chalé localizado na Mário  
Campelo, antiga Estrada da  
Levada, nº 317, Várzea  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_003\_000030  
Chalé localizado na Rua São  
Francisco de Paula, nº 175,  
Caxangá  
Edja Trigueiro, março de 1985



Código de acesso:  
ECL\_055\_000538  
Chalé localizado na  
Rua do Chacon, nº 300,  
Poço da Panela  
Edja Trigueiro, abril de 1986



Código de acesso:  
ECL\_054\_000529  
Chalé localizado na Estrada Real  
do Poço, nº 293, Poço da Panela  
Edja Trigueiro, abril de 1986



Código de acesso:  
ECL\_034\_000330  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Rua Real da Torre, nº 1435,  
Torre  
Rucker Vieira, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_049\_000483  
Chalé localizado na  
Rua das Creoulas, nº 58, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_096\_000949  
Chalé, com uma volumetria  
mais aproximada à de um  
palacete, localizado na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva,  
nº 1767, Jaqueira  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_061\_000603  
Raro exemplo de chalé com  
dois pavimentos, hoje demolido,  
localizado na Rua Joaquim  
Nabuco, nº 619, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986

O chalé localizado na Rua Azeredo Coutinho nº 130, na Várzea, foi, possivelmente, inaugurado em 27 de maio de 1905, como consta na sua fachada, e é um dos últimos exemplares de chalé com dois pavimentos ainda existentes no Recife. Esse edifício ainda ficou bastante conhecido por abrigar o Hospital Magitot, o primeiro hospital odontológico da América Latina, fundado em 1944, hoje com suas atividades encerradas, sendo este o seu terceiro endereço.

Código de acesso:  
ECL\_103\_001018  
Chalé localizado na Rua Azeredo  
Coutinho, nº 130, Várzea  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_009\_000085  
Chalé localizado na Estrada do  
Encanamento, nº 742,  
Casa Amarela  
Severino Ribeiro, abril de 1985



Código de acesso:  
ECL\_009\_000090  
Chalé localizado na Rua da  
Harmonia, nº 176, Casa Amarela  
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_025\_000241  
Chalé localizado na Avenida Rui  
Barbosa, nº . 1654, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_049\_000488  
Chalé localizado na Rua das  
Pernambucanas, nº 92, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985





Código de acesso:  
ECL\_050\_000490  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Rua das Pernambucanas,  
nº 107, Graças  
Rucker Vieira, dezembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_081\_000797  
Chalé localizado na Rua Castro  
Leão, nº 158, Madalena  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_029\_000282  
Chalé reformado localizado na  
Avenida 17 de Agosto, nº 917,  
Santana  
Severino Ribeiro, maio de 1985

Quando observamos a residência localizada na Avenida 17 de Agosto, nº 917, em Santana, em função da diversidade de elementos ornamentais presentes na sua composição, vinculados a momentos distintos da arquitetura de cunho historicista praticada no Recife entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, fica difícil enquadrá-la em alguma das categorias propostas pela pesquisa. O seu frontão, com leves linhas recortadas, nos remete a uma arquitetura Neocolonial, ou do Estilo Missões, comum em Pernambuco a partir da década de 1930, no entanto outros elementos da edificação nos fazem crer que se trata de uma construção mais antiga, datada de fins do século XIX, mais precisamente um Chalé, tipologia bastante comum na sua vizinhança imediata. São elementos como uma varanda circundando o volume

principal da edificação, as portas em janelas com arcos ogivais, além de outros ornamentos e detalhes construtivos, que nos fazem crer que essa edificação originalmente era um chalé reformado a partir do segundo quartel do século passado, para o novo gosto arquitetônico vigente no momento.



As edificações, hoje ocupadas pela Escolinha de Arte do Recife, fundada em 1953 pela arte-educadora Noemí Varela e pelo artista e poeta Augusto Rodrigues, são um conjunto bastante interessante, representativo da arquitetura residencial recifense de fins do século XIX e princípio do XX. A edificação de número 112, possivelmente mais antiga, é uma pequena casa térrea, com uma ornamentação de gosto neoclássico, encimada por uma platibanda delicadamente recortada e ladeada por pinhas. Já o outro edifício, possivelmente mais recente, de número 104, é um pequeno chalé, de composição mais vernacular, com elementos ornamentais que o aproximam da arquitetura pitoresca, como o frontão ornamentado com falsas estruturas de madeira do tipo enxaimel.

Código de acesso:  
ECL\_086\_000844  
Escolinha de Arte do Recife,  
localizada na Rua do Cupim, nº  
104 e 112, Graças  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_063\_000614  
Casas pitorescas geminadas,  
localizadas na Praça do Derby, nº  
217 e 223, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_097\_000958  
Casa pitoresca localizada na  
Estrada do Arraial, nº 2273,  
Tamarineira  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_140\_001389  
Casa pitoresca localizada na Rua  
Amélia, nº 430, Graças  
Eliane Velozo, novembro de 1987



Código de acesso:  
ECL\_140\_001391  
Casa pitoresca localizada na Rua  
Quarenta e Oito, nº 623, Aflitos,  
com um terraço já de um desenho  
mais próximo ao Neocolonial  
Eliane Velozo, novembro de 1987

*Foi na Várzea do Capibaribe, já no início da década de 1920, que apareceu a, provavelmente, primeira edificação Neocolonial em Pernambuco, a casa do industrial Othon Bezerra de Mello, localizada na Avenida Rui Barbosa nº 471. A residência foi desenhada pelo arquiteto Giácomo Palumbo, em 1922, mesmo ano da Exposição Internacional no Rio de Janeiro, que lançou a estética Neocolonial para todo o país, a partir da reforma de um edifício pré-existente, datado do século XIX, objetivando tanto dar ao imóvel uma nova feição, extremamente moderna para a época, quanto atender aos novos padrões de higiene e sanidade. Mesmo tendo conservado boa parte da volumetria pré-existente, o projeto de Palumbo trouxe diversos novos elementos, como os terraços, que, além de aumentar a área construída daquela antiga chácara suburbana, lhe conferiram uma nova roupagem, sendo também o suporte dos ornamentos neocoloniais que caracterizam a edificação até hoje.*

Código de acesso:  
ECL\_027\_000262  
Casa de Othon Bezerra de Mello,  
localizada na Avenida Rui  
Barbosa, nº 471, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_027\_000260  
Residência neocolonial  
localizada na Avenida Rui  
Barbosa, nº 779, Graças,  
com diversos elementos  
característicos do movimento,  
como a varanda com arcadas,  
painéis de azulejos, beirais de  
telhas aparentes e uma esquadria  
com muxarabis  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_059\_000579  
Residência neocolonial  
localizada na Avenida Rui  
Barbosa, nº 317, Graças, com  
destaque para o copiar na  
entrada da entrada da edificação  
Edja Trigueiro, maio de 1986





Código de acesso:  
ECL\_063\_000619  
Residência neocolonial  
localizada na Praça do Derby,  
nº 17, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986



Código de Acesso:  
ECL\_063\_000617  
Residência neocolonial, hoje  
descaracterizada, localizada na  
Rua Amaury de Medeiros,  
nº 200, Derby  
Edja Trigueiro, maio de 1986

Código de acesso:  
ECL\_096\_000950  
Residência neocolonial, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva,  
nº 1796, Tamarineira  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_038\_000372  
Residência neocolonial, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Conselheiro Portela, nº 560,  
Espinheiro  
Rucker Vieira, junho de 1985



Código de acesso:  
ECL\_022\_000218  
Residência neocolonial, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Santos Dumont, nº 419, Graças  
Rucker Vieira, novembro de 1985



Código de acesso:  
ECL\_012\_000117  
Residência neocolonial  
localizada na Avenida 17 de  
Agosto, nº 1112, Casa Forte  
Severino Ribeiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_128\_001268  
Residência neocolonial  
localizada na Estrada do Arraial,  
nº 2949, Casa Amarela  
Eliane Velozo, abril de 1987



Código de acesso:  
ECL\_006\_000056  
Residência neocolonial,  
apresentando também alguns  
elementos ligados ao Estilo  
Missões, localizada na Praça de  
Casa de Forte nº 381, Casa Forte  
Edja Trigueiro, abril de 1985

Código de acesso:  
ECL\_031\_000307  
Casas geminadas que misturam  
elementos Neocoloniais e do  
Estilo Missões, hoje demolidas,  
localizadas na Avenida  
Conselheiro Rosa e Silva, nº 204  
e 212, Graças  
Severino Ribeiro, maio de 1985

Código de acesso:  
ECL\_026\_000256 e  
ECL\_026\_000257  
Residência em Estilo Missões,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Rui Calaça, nº 94, Espinheiro  
Severino Ribeiro, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_030\_000294  
Residência em Estilo Missões,  
hoje descaracterizada, localizada  
na Rua da Hora, nº 692,  
Espinheiro  
Severino Ribeiro, maio de 1985





Código de acesso:  
ECL\_140\_001384  
Residência em Estilo Missões  
localizada na Rua Quarenta e  
Oito, nº 423, Espinheiro  
Eliane Velozo, novembro de 1987



Código de acesso:  
ECL\_121\_001198  
Residência em Estilo Missões  
localizada na Rua Heitor Maia  
Filho, nº 70, Madalena  
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:  
ECL\_034\_000333  
Residência em Estilo Missões,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Real da Torre, nº 1453, Torre  
Rucker Vieira, maio de 1985



Código de acesso:  
ECL\_121\_001194  
Residência em Estilo Missões,  
hoje demolida, localizada na  
Rua Heitor Maia Filho, nº 100,  
Madalena  
Eliane Velozo, abril de 1987

Código de acesso:  
ECL\_080\_000792  
Residência em Estilo Missões,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Conde de Irajá, nº 305, Torre  
Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_081\_000794  
Residência em Estilo Missões,  
possivelmente datada de 1945,  
localizada na Rua Conde de  
Irajá, nº 257, Torre  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_080\_000793  
Residência em Estilo Missões,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Conde de Irajá, nº 283, Torre  
Edja Trigueiro, junho de 1986



## A VÁRZEA DO TEJIPIO

A Várzea do Tejipiô corresponde ao trecho do Recife que se desenvolveu em direção ao sul do centro da cidade, num longo processo que remete ainda ao primeiro século de ocupação de terras brasileiras em áreas como os atuais bairros de Afogados e Tejipiô. Apesar de a ocupação do bairro de Afogados remeter ao século XVI, foi somente a partir do século XVIII que se registrou ali um conjunto de edificações consolidadas, juntamente com uma capela, no entorno do atual Largo da Paz. Desse largo, partia um dos caminhos em direção ao interior, pela Rua de São Miguel e pela Avenida Doutor José Rufino. Era a antiga Estrada da Vitória que, ladeando os rios Jordão e Tejipiô, corta diversos bairros dessa região do Recife, como Estância, Jiquiá, Barro e Tejipiô. Este último, originado a partir de um antigo engenho do século XVI, já pertenceu ao município de Jaboatão, sendo transferido para o Recife a partir de um ato do governador Estácio Coimbra, em 1928. No entanto, apesar dessa longa trajetória ligada ao processo de ocupação e desenvolvimento do Recife, o acervo arquitetônico desses bairros, registrado na segunda metade dos anos 1980, mostra uma produção do fim do século XIX e início do XX, passando por edificações que remetem, ainda, ao fim do período colonial, como o Casarão da Mustardinha. Essas edificações foram sendo modernizadas

Código de acesso:  
ECL\_099\_000978

O Casarão da Mustardinha, localizado na Avenida Manoel Gonçalves da Luz, nº 680, juntamente com a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, são os últimos remanescentes do Engenho Mocotó, onde teve início o processo de ocupação do bairro da Mustardinha.

Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_099\_000980  
Residência de gosto neoclássico,  
localizada na Rua Vinte e um de  
Abril, nº 721, Afogados, onde  
funciona a sede social do Clube  
Ferroviário do Recife  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_067\_000658  
Residência de gosto neoclássico,  
localizada na Avenida Doutor  
José Rufino, nº 1735, Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



ao longo do tempo pelo gosto histori-  
cista vigente. O acervo desses bairros,  
entretanto, já diminuiu consideravel-  
mente em função da não preservação  
de muitas edificações históricas identi-  
ficadas pela pesquisa.



Código de acesso:  
ECL\_069\_000682  
Residência de gosto neoclássico,  
localizada na Rua Falcão  
Lacerda, nº 115, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_070\_000685  
Residência de gosto neoclássico,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Falcão Lacerda, nº 226, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_070\_000691  
Casa de gosto neoclássico, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Falcão Lacerda, nº 549, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_070\_000686  
Residência de gosto neoclássico,  
hoje demolida, localizada na Rua  
Falcão Lacerda, nº 221, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_069\_000678  
Conjunto de casas térreas,  
localizadas na Rua Falcão  
Lacerda, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_044\_000432  
Residência com ornamentação  
ecléctica, localizada na Rua São  
Miguel, nº 1234, Afogados  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_044\_000434  
Residências eclécticas,  
localizadas na Rua São Miguel,  
nº 2045 e 2059, Afogados  
Rucker Vieira, janeiro de 1986





Código de acesso:  
ECL\_099\_000979

Residência eclética, hoje demolida, localizada na Rua 21 de Abril, nº 1245, Mangueira  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_044\_000435

Residência eclética, hoje demolida, localizada na Avenida Doutor José Rufino, nº 68, Jiquiá  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_045\_000443

Residências, hoje parcialmente alteradas, integrantes de um pequeno grupo de casas, com leves variações ornamentais, localizadas na Rua Moraes e Silva, nº 111 e 119, Estâncio  
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:  
ECL\_045\_000447  
Grupo de residências, com  
pequenas variações ornamentais,  
localizadas na Rua Rocha Pombo,  
nº 32 e 42, Estância, esta última  
já demolida  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_046\_000451  
Residência eclética, construída  
em 1923, localizada na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 566,  
Estância  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_046\_000449  
Conjunto de residências de  
ornamentação eclética, com  
pequenas variações ornamentais,  
localizado na Avenida Doutor  
José Rufino, na esquina com a  
Rua Havaí, Estância, hoje já  
praticamente destruído  
Rucker Vieira, janeiro de 1986

Código de acesso:  
ECL\_046\_000458  
Residências de ornamentação  
eclética, localizadas na Avenida  
Estância, nº 308, Estância  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_046\_000453  
Residências de ornamentação  
ecléctica localizadas na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 514 e  
504, Estâncio  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_068\_000663  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 2121,  
Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_068\_000666  
Residência eclética localizada  
na Avenida Doutor José Rufino,  
nº 2435, Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_068\_000669  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 2891,  
Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_068\_000670  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 2989,  
Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_069\_000677

Conjunto de casas térreas de  
ornamentação eclética, hoje já  
bastante alterado, localizado na  
Rua Falcão Lacerda, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_070\_000687

Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Falcão Lacerda, nº 265, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_071\_000698  
Residência eclética, hoje  
demolida, localizada na Rua  
Falcão Lacerda, nº. 5769,  
Coqueiral  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Assim como em outras regiões da cidade, também foi encontrada uma grande quantidade de chalés ao longo da antiga Estrada Vitória, em sua maioria já demolidos.

Código de acesso:  
ECL\_069\_000675  
Chalé localizado na Avenida  
Doutor José Rufino, nº 3613,  
Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986





Código de acesso:  
ECL\_067\_000654  
Chalé, hoje demolido, localizado  
na Avenida Doutor José Rufino,  
nº 1359, Areias  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_044\_000430  
Villa Alzira, chalé, hoje  
demolido, localizado na Rua São  
Miguel, nº 711, Afogados  
Rucker Vieira, janeiro de 1986



Código de acesso:  
ECL\_069\_000683  
Chalés conjugados, hoje  
demolidos, localizados  
na Rua Falcão Lacerda,  
nº 126A e 126B, Tejipió  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_067\_000661  
Casa pitoresca localizada na  
Avenida Doutor José Rufino,  
nº 2008, Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Na Várzea do Tejipió, foram encontradas todas as categorias estilísticas definidas pela pesquisa, mostrando que essa era uma região que, durante muitos anos, fez parte do processo de expansão da cidade nos seus diversos momentos. Casas de engenho, com ornamentação neoclássica e eclética, chalés, construções pitorescas, ou até as mais recentes edificações neocoloniais e no Estilo Missões fazem parte da paisagem urbana dessa região.



Código de acesso:  
ECL\_068\_000665  
Casa neocolonial localizada na  
Avenida Doutor José Rufino,  
nº 2379, Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_067\_000662  
Casa neocolonial localizada na  
Avenida Doutor José Rufino,  
nº 2075, Barro  
Edja Trigueiro, junho de 1986



Ainda ao sul da zona central do Recife, uma outra zona de desenvolvimento da cidade foi registrada pela pesquisa: a faixa litorânea distribuída entre os bairros do Pina e de Boa Viagem. Tal região, embora tenha registro de ocupação datado do século XVII, só começou a ser urbanizada nas primeiras décadas do século XX, especialmente após a abertura da Avenida Beira Mar, inaugurada em 20 de outubro de 1924. Um novo impulso de desenvolvimento do bairro se deu, especialmente, no último quartel do século passado, quando os primeiros exemplares arquitetônicos começaram a ser substituídos por edificações de múltiplos pavimentos. No momento de realização da pesquisa, em função das transformações nos bairros do

Pina e de Boa Viagem, poucas residências do começo do século XX foram identificadas, no entanto esses poucos registros são capazes de construir uma imagem da diversidade do gosto arquitetônico presente nos bairros, onde podíamos encontrar desde residências ecléticas, especialmente no bairro do Pina, a exemplares Pitorescos, Neocoloniais e filiados ao Estilo Missões.

Código de acesso:  
ECL\_102\_001006

Casas ecléticas, hoje demolidas,  
localizadas na Avenida Herculano  
Bandeira, nº 85 e 77, Pina  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_102\_001005  
Casa eclética, hoje demolidas,  
localizada na Avenida Boa  
Viagem, nº 326, Pina  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_100\_000984 e  
ECL\_100\_000985  
Castelinho, casa pitoresca  
localizada na Avenida Boa  
Viagem, nº 4520, Boa Viagem  
Edja Trigueiro, julho de 1986

Inspiradas em residências rurais e do centro e do norte europeus, a Arquitetura Pintoresca se popularizou em Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, especialmente nos bairros de subúrbios que se expandiram naquele período. A iconografia da época mostra que residências de gosto pitoresco eram comumente encontradas ao longo da

Avenida Boa Viagem, e foram desaparecendo ao longo do século passado, sendo o último exemplar preservado o que está localizado no número 4520 da Avenida Boa Viagem. Characterizado por ser completamente revestido em pedra aparente, com um torreão ladeado por um terraço estruturado em madeira e coberto por telhas de ardósia. Essa residência ficou popularmente conhecida como Castelinho, nome de um bar, famoso na cidade, entre as décadas de 1940 e 1970, que ali funcionava.





Código de acesso:  
ECL\_101\_000994  
Casa pitoresca, já demolida,  
localizada na Avenida Boa  
Viagem, nº 2978, Boa Viagem  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_100\_000987  
Casa Neocolonial, hoje demolida,  
localizada na Avenida Boa  
Viagem, nº 3058, Boa Viagem  
Edja Trigueiro, julho de 1986

Código de acesso:  
ECL\_101\_001002  
Casa em Estilo Missões, hoje  
demolida, localizada na Avenida  
Boa Viagem, nº 1400,  
Boa Viagem  
Edja Trigueiro, julho de 1986



Código de acesso:  
ECL\_102\_001004  
Edifício Caiçara, construção  
com elementos neocoloniais e do  
Estilo Missões, hoje demolida,  
localizada na Avenida Boa  
Viagem, nº 888, Pina  
Edja Trigueiro, julho de 1986

O Edifício Caiçara foi construído, em 1942, pelo paraibano Waldemir Miranda, mesclando elementos ornamentais e de composição ligados ao Neocolonial e ao Estilo Missões que, naquele momento, se popularizam, cada vez mais, no país através da divulgação em revistas e manuais de arquitetura. Em 2012, com o surgimento de notícias acerca da sua demolição, grupos da sociedade civil organizada se mobilizaram em prol da preservação do Caiçara, pleito que não foi atendido nas esferas públicas e a edificação foi completamente demolida em 2016.





## OS FOTÓGRAFOS DA COLEÇÃO

**Edja Trigueiro:** Professora Associada do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Especialista em Sociologia, e mestra em História, pela Universidade Federal de Pernambuco. PhD em Estudos Avançados em Arquitetura pela *Bartlett School, UCL, University of London*, onde também desenvolveu estágio pós-doutoral como *Honorary Research Fellow*. Coordena o grupo de pesquisa MUsA – Morfologia e Usos da Arquitetura, que desenvolve estudos sobre relações entre forma construída e práticas socioculturais. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, no qual foi também vice coordenadora, e segue atuando como professora e orientadora, nos cursos de Doutorado, Mestrado e Mestrado Profissional, focalizando seu interesse na área de morfologia do ambiente construído, formação e transformação de edifícios e cidades e conservação do patrimônio construído.

**Eliane Velozo** nasceu em Lajedo, Pernambuco. É pesquisadora, escritora, artista visual e fotógrafa. Bacharel em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestra em Belas Artes – Fotografia pela Universidade de Illinois, Chicago, EUA. Foi fotógrafa da Fundação Joaquim Nabuco. Atualmente, vive em Belo Horizonte.

**Rucker Vieira** nasceu em 1931, na cidade de Bom Conselho, Pernambuco, e faleceu em fevereiro de 2001, no estado de Roraima. Foi diretor do Departamento de Cinema da TV Universitária de Pernambuco, cinegrafista e fotógrafo da Fundação Joaquim Nabuco. Seu talento como fotógrafo dos filmes pernambucanos *Aruanda* (1960), *A cabra na região semi-árida* e *Cajueiro Nordestino* (1962) trouxe o reconhecimento de sua inquestionável contribuição para a história do cinema brasileiro e para a evolução estética do Cinema Novo.

**Severino Ribeiro** nasceu em 1957, na cidade do Recife, teve os primeiros contatos com a fotografia através do tio fotógrafo Elpídio Ribeiro. Em 1975 começou como laboratorista na Interfilmes, casa fotográfica de propriedade do seu tio. Também trabalhou no *Jornal do Commercio*, do Recife, entre 1980 e 1983, onde além de exercer funções como laboratorista, fotografava para alguns cadernos do jornal. Em 1985, começou a trabalhar na Fundação Joaquim Nabuco, onde primeiramente exerceu o cargo de motorista para, cinco anos depois, assumir o cargo de fotógrafo da instituição.

